JORNAL DE 2ª FEIRA

JUNDIAÍ, DE 27 DE OUTUBRO A 2 DE NOVEMBRO DE 1975 - Nº 17

CR $ 2,00

MEMORANDUM

PARA Sr. redator chefe:
as matérias pra chamada na capa são
oratas; não deixe o Sandro quasimodo também
esto livro na pag. 5.
P.S. - não vá me errar de novo no
número do jornal! o 17 é este.

no hospital, os Ministros

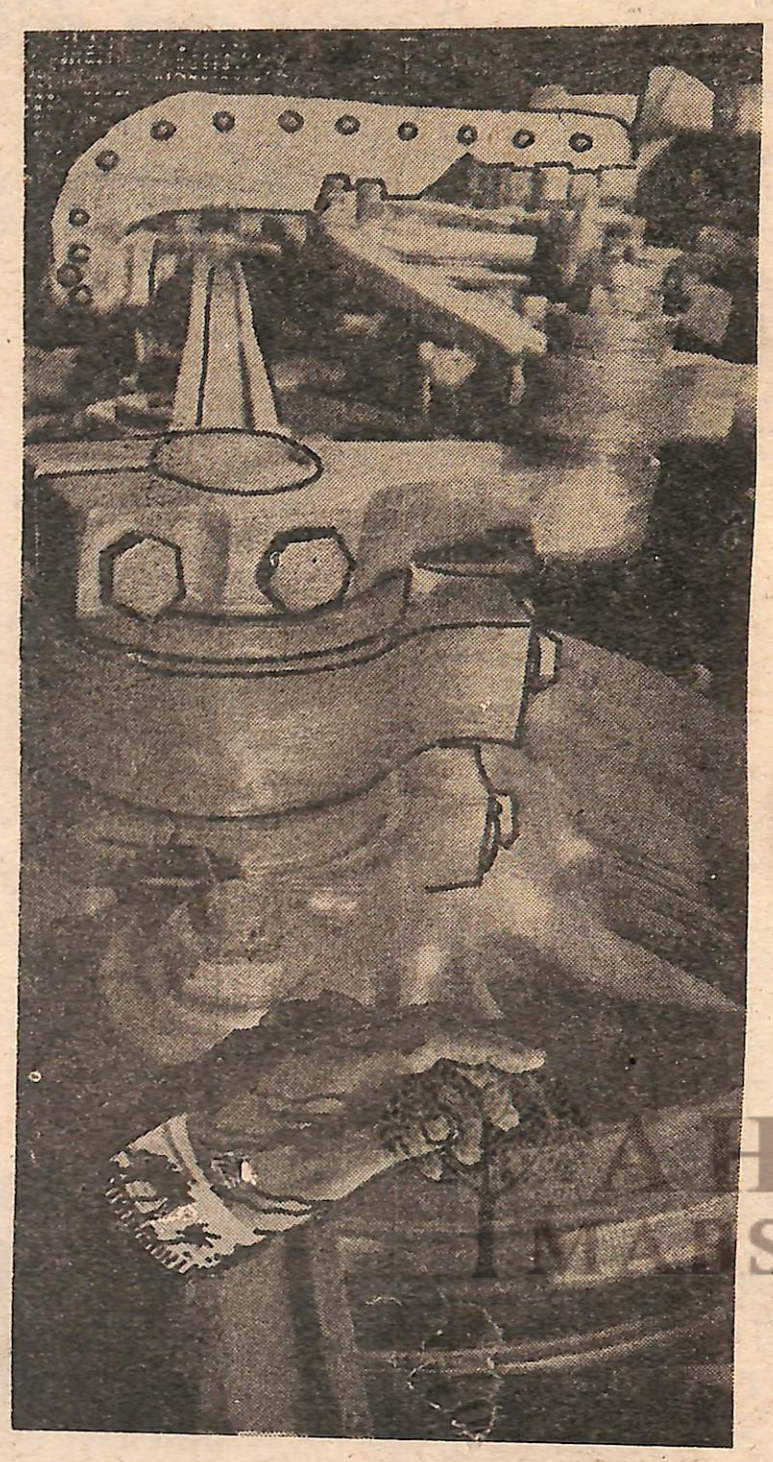
na redação, Ricardo Bandeira

na palavra, Cândido Malta

e, na sala, Bartman

Papo pros caras

("Oração aos moços", é isso?)



Ô cara, a coisa não anda legal, não. Todo fim de semana a gente fica sabendo de um de vocês que se estourou por aí (sem falar nos que andam se estourando aos poucos, transando uma da pior).

Qualé, meu? Se estourar só pra estourar? Estourar pra ficar na sua?

Escuta uma coisa muito séria, bicho: morrer não é a de ninguém, podes crer. Não era a do Jimmy Hendrix, nem a da Janis Joplin, podes crer. Eles acabaram sendo estourados — não pela guitarra, não pelo som. Foram estourados pelo esquema: eles marcaram bobeira e o esquema estourou com eles. Foram consumidos, bicho. Consumidos e jogados fora, com gente faturando até o bagaço deles, podes crer.

Eu sei que eles tinham grilos, todo cara sensível tem grilo.

Eu sei que eles tentaram resolver os grilos transando uma da pesada: queriam abrir as suas mentes, achar a saída. E morreram, bicho.

Acontece que morrer não é saída pra nada, morrer é careta, todo mundo morre. Eu tenho visto muitos de vocês, no dia em que vão se despedir do amigo morto: é só tristeza, vocês estão tristes — e tristeza é a pior. Do mesmo modo que a alegria do barato é a pior, podes crer. Porque isso de ficar doidão, dedo em V, paz e amor, isso é filosofia da revista "Pop", é papo furado, meu.

Existem uma outra paz e um outro amor muito mais sérios, bicho, pra valer. Paz e amor que vão além de você sozinho, do seu "tape", da sua calça Levi's. Paz e amor que, esses sim, abrem a mente, fazem você ver as coisas. Só que tem uma coisa, meu: essa paz e esse amor não vêm fácil, não vêm com o barato do fumo ou do pico ou da bola, não.

Essa paz, esse amor vêm de você estar atento e alerta pras coisas. Vêm da cabeça, bicho. E pra chegar a eles você precisa viver, pensar, julgar aquilo que querem lhe impor (tem muita gente querendo impor o barato, podes crer; interessa a essa gente que você fique baratinado, quanto mais melhor, quanto mais de bobeira melhor pra eles).

Corta essa, bicho, não deixe que te usem. E pra isso você precisa estar atento, estar vivo — e não se estourando por aí, no carango, na moto, nos baratos, na bebida: tudo isso é pago, tudo isso é consumo. E eles querem que você consuma, bicho. Pra depois consumirem você.

Te cuida, bicho. Te cuida pra viver e poder falar das tuas coisas, pra vender teu peixe e, quem sabe, mudar a caretice. Mas não mudar a vida pela morte e sim mudar a pior pela melhor, saca?

ERAZÊ MARTINHO

Canto Chorado

Pois é. Às vezes, quando fico urubuservando a fila do imposto à porta dos bancos, é que me ponho a pensar e a falar comigo mesmo — como tem gente pobre aqui na buracolândia!

A maior parte da fila nem sapatos tem. Anda à base da conga quando não de alpargatas de tirinha que se encaixa no intervalo do dedão com o companheiro mais próximo.

Muitos, entre os que já dobraram o cabo da boa esperança, apoiam-se em bordões para aguentar a modorra até alcançarem a boca dos guichês.

Quanto a mim, continuo a falar comigo mesmo — como é que pode!...

Como é que pode um povo exaurido, na crista de uma penúria intestina de proporções jamais igualadas, ver impassível o seu dinheiro voando a esmo nas asas da demagogia; atirado inescrupulosamente janela afora, no custeio de publicidade balofa e compradiça do silêncio, numa barganha sórdida com a pobreza mentalizada nos cofres da Prefeitura.

Efemérides as mais prosaicas e despidas de maior significado dão ensejo ao derrame de milhares de cruzeiros, para "saudar" qualquer um ou qualquer coisa **"em nome da laboriosa comunidade da terra da uva".**

E não há jeito desse "cara" entender que o dinheiro do povo não é pra isso, ou melhor, não é pra açaimar o epicurismo argentário dos energúmenos nem tampouco badalar classes profissionais de maior densidade demográfica.

Na última quinta-feira foram os professores, dia 28 serão os funcionários, dia 1.o a adulação vai ser para "todos os santos". E não será de estranhar, se no dia dos mortos depararmos com outro quarto de página cumprimentando os "de cujos" pela passagem de mais um ano na paz da calma.

O importante é o pretexto para a dissipação dos cobres do imposto com o propósito de arrolhar os chinfrins nas colunas dos jornais.

Concidadãos desta terra
Eu vos pergunto até quando
O dinheiro dos impostos
Vai o "cara" aproveitando

Pra pagar a patuscada
Dos bródios e regabofes
Pra pagar o arrolhamento
E continuar nos tribofes

METERAM O PREFEITO NA CADEIA

Informam notícias de Brasília que o prefeito do município goiano de Araguaiana, João de Souza Lima, está preso no 3.o Batalhão de Polícia Militar do Estado, condenado a quatro anos e três meses de reclusão, por irregularidades administrativas no exercício do cargo. O mandado de prisão foi expedido pelo juiz João Batista de Castro Neto.

"João de Souza Lima, da Arena, foi denunciado pela Justiça de Goiás em dezembro de 1973, que o acusou de desvio de verbas do município em proveito alheio, utilização indevida de bens públicos e emprego de verbas do Fundo de Participação dos Municípios em outros projetos."

Imaginem que festança se esse juiz viesse transferido para cá.

SIMÃO

TIPOGRAFIA JUNDIÁ
IMPRESSOS EM GERAL
Rua Cel. Leme da Fonseca, 210 — Fone: 6-3099

FANSERVIÇOS
Composições Linotipográficas
Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.a-FEIRA
Propriedade da **Editora Japi Ltda.**
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: **Celso Francisco de Paula**
Capa: **Araken Martinho**
Ilustrações: **Suzana Traldi de Souza**
Oficinas Impressoras: **"Diários Associados"**
Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo
Assinaturas
Semestral — Cr$ 70,00 e Anual — Cr$ 120,00

Concorrências Públicas (II)

Era nosso objetivo iniciar a série com as primeiras concorrências da atual administração. Mas como estamos em tempo de esclarecimentos do plano viário, com o cuidado de se levar às crianças as informações e projetos, vamos lá, começando por registrar nossos parabens ao chefe do executivo pelo esforço em procurar promover a obra do século.

Mas não queremos dizer, com isso, que também não achamos necessário informar aos mais crescidos e especialmente aos adultos, que afinal são os que pagam a conta e muito facilmente compreenderão o que lhes for explicado.

Muito bem. Havia um plano do sistema viário. Não sabemos bem em que fase de estudos. Mas havia.

Quando o atual prefeito assumiu o cargo apressou-se, a contratar uma empresa de nome **Sotafe** para elaborar estudos, reexaminar o plano existente e dar assistência técnica às obras.

Comecemos por criticar o contrato sem concorrência pública para um serviço de tão grande envergadura.

Já temos escrito, e não é nossa opinião, é dos Tribunais de Contas, que a dispensa da concorrência se pode adotar para serviços especialíssimos, para os quais existem muito poucas empresas verdadeiramente habilitadas, sendo o serviço incomum ou inédito.

Não foi essa a realidade dos fatos. Para esse tipo de serviços existem inúmeras companhias de grande porte que, numa concorrência poderiam oferecer preços mais compensadores para o município.

Para o pagamento do projeto de engenharia final e serviços de supervisão técnica das obras, o contrato foi na base de 3.5% sobre o valor total. Segundo declarações do próprio Prefeito, o valor das obras atingirá a casa dos 250 milhões de cruzeiros. Quer dizer que a empresa receberá a quantia de Cr$..... 8.750.000,00 para o projeto e supervisão técnica.

Essa importância representa nada mais nada menos que o produto da arrecadação do imposto predial de dois anos.

Para se ter uma idéia da extraordinária especialização da empresa é só verificar o projeto onde constam obras de escavação com material de 3.a categoria. Os senhores sabem o que isso quer dizer? Quer dizer serviço em rocha, em **pedra**, com dinamite e etc.

Se aparecer alguém que encontre rochas dinamitadas ao longo da Avenida **Corgo do Mato** (licença, Bartimeu), ofereceremos a segunda taça.

Não pára aí. Das 88 sondagens apontadas, 57 estão em locais apropriados aos projetos anteriores da Prefeitura.

Tem mais. Havia projeto na Avenida Jundiaí de um viaduto, que foi aproveitado pela empreiteira, sem ao menos solicitar do autor, a devida autorização.

Tudo isso parece à primeira vista não ter a menor importância. Afinal por que somos um município rico? Para que se aumentaram abusivamente os impostos? para se gastar, ora pipocas!

Naturalmente não foi para economizar, que poupança é coisa de gente pobre. Rico, não só ri à toa, gasta Se a **grana** acabar ou diminuir, empresta-se que o Banco do Brasil, o BNH, o Banco do Estado e não sabemos quantas organizações, estão aí.

Daremos continuidade, adentrando aos augustos mistérios da famosa contratação do plano viário.

VIRGÍLIO TORRICELLI

AH MABS

Ecos & Comentários

Como os leitores já terão constatado, o prefeito da cidade vem gastando vultosas somas do dinheiro público para alardear um xurrilho de baboseiras dentre o que fez e o que não fez.

Na impossibilidade (por motivos óbvios) de dissertar frente a um auditório mais capacitado, tem descido às escolas do curso primário para contar às crianças os seus "planos de governo", principalmente no setor viário. Claro que, mais pensando no lanche e no recreio, a meninada logo ao meio da prosopopéia pega a sentir os tics do "mal-de-macaco" para não mais se acomodar nas carteiras. Aguenta a chateação a duras penas, sem entender coisa alguma daquilo que ouviu por um ouvido e soltou por outro.

Acontece que os assuntos municipais não foram mesmo feitos para serem tratados por crianças. Daí, por certo, o não trazerem um mínimo de proveito, a não ser àqueles que, a alto preço, se incumbem de trazer a arenga ao conhecimento da rua.

O assunto, entretanto, se levado mais a sério, isto é, se discutido polemicamente com gente grande e capaz, não deixa de ser dos mais palpitantes, maximé se considerados os transcendentais efeitos que poderão produzir estudos bem engenhados e aplicados no plano viário da cidade.

Sustentados nesse entendimento, lemos e relemos (porque há que se ler mais de uma vez para melhor entender) o artigo inserto no número anterior deste semanário sob o título "Os caminhos do nosso Metrô".

Aborda técnica e imaginosamente um audacioso plano de transporte em massa de passageiros, vencendo os agressivos acidentes topográficos de nossa cidade, qual seja o metrô de superfície.

É de evidência que neste arremedo de apreciação sobre um tema menos acessível ao leigo não entra a crítica petulante do jornalista. Mas se expõe, como corolário da idéia, a solidariedade da palavra escrita, por partida daqueles que se entusiasmam e acoroçoam a preconizada revolução no campo viário do hinterland jundiaiense. Nossa cidade, como a ninguém mais é dado ignorar, está jugulada no congestionamento urbano, razão porque não pode mais continuar como seara de práticas bisonhas ou paliativas.

Temos vivo o exemplo na chamada avenida do Córrego do Mato, cujo preço está exigindo ao povo um sacrifício de muitos anos consecutivos e que se encontra ao sabor recreativo daqueles que para lá se dirigem com o intuito de fugir ao trânsito e à poluição do ar nas suas horas de laser.

Daí o afirmarmos sem pejo que somos entusiastas desse plano arrojado que resolve de vez o problema do transporte em massa, ligando o centro urbano ao distrito industrial, aos bairros mais populosos, aos entroncamentos ferrocarris e aos municípios satélites.

A idéia não é nova porque já foi esposada tempos atrás por outras pessoas de reconhecida capacidade em torno do assunto, o que vale dizer, uma idéia velha remoçada nas necessidades da comunidade.

Entretanto, quando os seus novos arautos revivem as vantagens do metrô de superfície para consideração do prefeito, dos secretários e diretórios municipais, do DAE e da Câmara, cabe-nos perguntar sem rebuços (porque agora entra a nossa colher torta): por despreparados, como se têm mostrado, no conduzir da coisa pública, estariam esses senhores à altura de entender o alcance, imediato e remoto, do metrô como solução definitiva do transporte de passageiros? Desnecessário será consultar a "buena-dicha" para saber que não estão.

Esperemos, pois.

ÉLCIO VARGAS

Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)

BBC

O BCC, cujo nome verdadeiro assina a colaboração abaixo, escreveu uma carta muito bacana, na qual chamava os jovens no picão.

Infelizmente pra vocês, ele abusou um pouquinho dos, digamos assim, impropérios, o que impede a publicação da dita.

Mas publicamos uma das suas colaborações.

SÓ PARA OS LOUCOS (MUITO)

— Chorando por ele?

— Não.

— Por que chora?

— Por nós. Sim, por nós. Eu não choro a morte. Eu choro a vida. A vida que pretendíamos ter e não temos.

Cada um de nós morreu um pouco. Um pouco por saber que ele foi. Um pouco por saber que um dia iremos. Um pouco por saber que poucos lutam pela vida.

Sinto mais por saber ou ter descoberto que pouco fiz pela vida. Não pela vida que vivemos ontem, mas pela que viveremos, onde viverão nossos filhos e amigos.

— Ora, não pense nisso. Não tem solução, as coisas são como são e acabou.

Putz! É isso que nós jovens pensamos?

Que não podemos fazer nada?

Que juventude é essa? Cadê a magia da juventude que tantos poetas falavam e falam? O que há de jovem nos jovens? É isso o que há?! Esse conformismo cansado, velho, doente?! É isso!?!?

Atenção, jovens do mundo! Atenção!

— Somos todos xundas moles!?!?

Quem admite isso? Responda quem não admite! Responda, pelo amor de Deus!

Ah, você não admite.

Prove! Prove, é um desafio!

Eu quero atos concretos e não palavras.

É, então, em nome do amor e da paz que fazemos tantas burradas **(N.R.: no original é outra coisa, em vez de burradas).**

Cadê o amor que estamos conseguindo? Mostre! Cadê a paz, meu? Mostre!

Cadê a vida, rapaz? Mostre, mostre que eu quero ver!

É, José, mamá na vaca você num qué!

Xunda mole!

(Ariovaldo Alves)

Sentinela avançada

Sr.: "Recebemos e agradecemos os exemplares do **"Jornal de Segunda-Feira"**, editado em Jundiaí, cidade das mais importantes pela estrutura moral, cultural e cívica de seu nobre povo. Em se tratando de um órgão de imprensa com excelentes matérias e boas ilustrações, tudo faz crer que a sua sobrevivência esteja solidificada em bases nos altos propósitos de bem servir a coletividade, como a mesma faz jus. E como os órgãos de imprensa de nosso gigantesco interior paulista, estão sempre procurando novos horizontes que dignifiquem a Pátria, justo que os nossos companheiros jornalistas do **"Jornal de Segunda-Feira"**, da "Terra da Uva", também busquem, nos princípios sadios de honestidade de propósitos, os subsídios necessários para que a laboriosa população jundiaiense e da região tenha mais uma sentinela avançada no cumprimento do dever. Boa sorte ao **"Jornal de Segunda-Feira"** e aos seus redatores, é o que se almeja com honestidade de propósitos." (Coluna **"Interior em Desfile"**, do jornal **A Gazeta**).

A questão do "Solar"

Sr.: "Fui procurado pelo **Jornal de 2.a-Feira**, por intermédio de seu próprio redator-chefe, Celso Francisco de Paula, que deseja saber se é verdade haver eu mudado de opinião acerca do ruidoso caso do tombamento do **"Solar do Barão"**.

"Disse ao jovem jornalista que continuo onde sempre estive — não obstante não ser o "pai da criança" — ao lado dos que aplaudem o tombamento, tal como foi decretado, em 1969, pelo governador Abreu Sodré, e logo em seguida declarado de utilidade pública para ser desapropriado, a fim de ser aproveitado para fins culturais, com a instalação, ali, do "Museu Conde de Parnaíba".

"Aliás, quem me conhece sabe que sou partidário fervoroso das tradições, que devem ser preservadas. Entre elas, com destaque, figura o **"Solar do Barão"**. Seu passado histórico relatei-o, com fidelidade, no meu livro "Jundiaí — Edição Histórica", da Editora Escalibur. Quem não o tiver lido que procure lê-lo. Se o fizer, há de concordar comigo no sentido de que o "Solar" deve ser salvo.

"Parece-me que o que precisa ser feito é um movimento de alto nível, junto ao sr. governador, para que efetive, sem demora, a desapropriação, pague aos proprietários o justo valor do imóvel, restaurando-o, como o fez a loja "Casas Pernambucanas" com o sobrado ao lado, e instalando ali, sem demora, o museu prometido.

"Chega de iconoclastia; não nos enfileiremos "entre os que não respeitam as tradições" e "para quem nada parece digno de culto ou de reverência". De há muito morreu Leão Isaurico. E está distante o século VIII. Não me furto ao desejo de indicar a quem interessar pelo assunto a leitura, no n.o 17 do **Jornal de 2.a-Feira**, da interessantíssima crônica de Sandro Vaia. Admire-lhe a "ironia cuja moral, como diz Austregésilo, é filosófica e literária e cuja beleza principal está em disfarçar a crítica e a maldade com elegância e simplicidade".

Alceu Pontes

Conferências da OAB

Sr.: — "A 33.a Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil, com sede em Jundiaí, tem a honra de convidar V. Exa. para assistir às palestras do **"I Ciclo de Conferências"**, que fará realizar conforme programa abaixo:

"Dia 22-10 — Dr. Paulo José da Costa Júnior. Tema: "O Advogado Criminalista".

"Dia 24-10-75 — Dr. Hely Lopes Meirelles. Tema: "O Processo Fiscal Administrativo".

"Dia 27-10-75 — Dra. Ada Pellegrini Grinover. Tema: "O princípio da Igualdade no Código de Processo Civil".

"Dia 30-10-75 — Dr. José Afonso da Silva. Tema: "Do Recurso Adesivo".

"Dia 3-11-75 — Senador Franco Montoro.

"A conferência de abertura será realizada no Salão Nobre das Faculdades "Padre Anchieta". As demais, no Plenário da Câmara Municipal de Jundiaí. Horário: 20 horas.

Dr. Tarcísio Germano de Lemos
Presidente da 33.a Sub-Seção da OAB

Dr. Aguinaldo de Bastos
Presidente da Comissão Organizadora

Apelo pró romaria

Dom Gabriel, nosso Bispo, a exemplo de outras, deseja, ardentemente, que a Diocese de Jundiaí se dirija a Aparecida, em romaria piedosa. Na impossibilidade da pessoa indicada — Padre Clemente da Costa Neves — à instância de nosso pastor, coube-me a incumbência de tentar a realização do assaz louvável propósito. Tal movimento de cunho diocesano, sua execução muito depende de séria e irrestrita cooperação dos srs. párocos, capelães e reitores de igrejas. Acho-me, de preferência em horário comercial, à disposição de quem queira valer-se de meus modestos préstimos.

Padre A. de Pádua - Vigário da Vila Rami - Rua Cica, n.º 1862 - CEP 13200 - Jundiaí SP. - Caixa Postal: 268 — Telefone: 6-2078

Mochileiros de Dedão

Srs.: "Gostaríamos de convidar a todos os jovens leitores do **Jornal de 2.a** a se filiarem à Associação dos Mochileiros e Turistas de Dedão, cuja finalidade é fazer com que seus associados conheçam o mundo com poucos cruzeiros no mão. Os interessados poderão entrar em contato conosco subscritando assim o envelope: "Associação dos Mochileiros e Turistas de Dedão — Cx. Postal n.º 719, Jundiaí, SP."

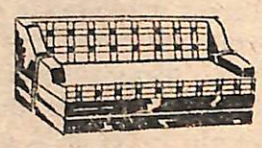
"Sem mais, gostaria de agradecer também pelos ótimos artigos que compõem o vosso jornal, que é, sem dúvida, o de maior crescimento e aceitação em Jundiaí. E que continue assim".

Dvart van Nick
Presidente

REI DOS CARTÕES

Cartões de Visita - Convites de Formatura
Folhinhas - Calendários
Impressos em Geral
Serviços rápidos e perfeitos
RUA DR. TORRES NEVES, 514
FONE 6-7720

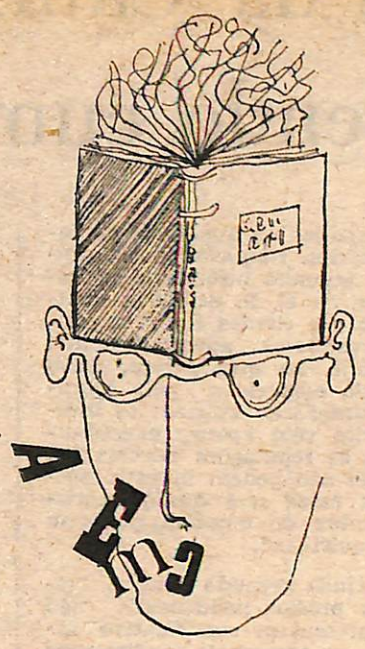
TAPEÇARIA
BRASIL
ESPECIALIDADE EM TAPEÇARIA DE AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224
FONE: 6-5977

DISTRIBUIDORA KINHO
FRIOS E LATICINIOS EM GERAL
ATACADO E VAREJO
nery aparecido rodrigues
rua marechal deodoro n: 282 fone 6-7521

Sensacional queima de livros



Sonho dos integrados, pesadelo dos apocalípticos de Umberto Eco, havemos de chegar brevemente à cultura de massa total, com condensações, adaptações livres, versões revistas e diminuídas de grandes de obras de arte, para colocá-las ao alcance de todos. Deselitizar a cultura, eis o sonho dos integrados e integracionistas. Os catálogos de livros serão distribuídos de porta em porta, e não haverá quem não se interesse pelas grandes obras (um pouco adaptadas, é certo) mas a preços acessíveis, linguagem coloquial, edições vivas e ilustradas. Verdadeira cultura para o povo. Assim:

Retrato do artista quando Jovem — de James Joyce. Biografia romanceada do grande ídolo da TV Vanuso Marcos. Acompanha grátis um poster desdobrável em policromia do ídolo Vanuso e sua mulher Antonia.

A Divina Comédia — de Dante Alighieri. Uma sensacional coletânea dos melhores trechos das grandes comédias do cinema. Edição totalmente ilustrada, encadernação de luxo. Por um preço adicional, à sua escolha, posters de Abott e Costello, ou Oscarito e Grande Otelo.

Os Irmãos Karamazov — de Fiodor Dostoiewsky, As aventuras infernais de uma dupla de bandoleiros, os irmãos Kara e Mazov, que encheram de terror as estepes russas no tempo do sanguinário czar Nicolau. Aventura! Emoção.!

O Capital — Karl Marx. Em 40 capítulos, lições práticas para você acumular seu próprio capital, abrir sua própria empresa e livrar-se do patrão. Faça seu capital você mesmo! Torne-se independente! Não bata mais cartão de ponto!

Por Quem os Sinos Dobram — de Ernest Hemingway. Manual prático especialmente elaborado para sineiros e sacristães de capelas, igrejas, catedrais, matrizes e templos em geral. Descontos especiais mediante carta de apresentação do vigário da paróquia.

A Carne — Júlio Ribeiro. Obra especial para açougueiros, dividida didáticamente em capítulos. Como cortar um coxão mole? Como aparar um contra-filé? Como tornar o chão-de-dentro mais rentável? Qual é a melhor maneira de desfazer-se dos miúdos? Como colocar contra-peso na balança sem ser notado pelo freguês? Acompanha um fascículo especial intitulado "As 1.001 maneiras de despistar um fiscal da Sunab". Para ornamentar seu estabelecimento, oferecemos, a preço módico, totalmente em cores, um poster do famoso boi Ápis.

De sua parte, o líder do MDB, Abdoral Lins de Alencar, obteve aprovação para um requerimento indagando ao chefe do Executivo quais estão sendo as despesas do Município com a manutenção das unidades de serviço instaladas nos bairros, discriminando-se os gastos com pessoal e equipamentos e informando-se o total da ajuda que o INPS vem dando para o custeio desse atendimento.

Crime e Castigo — de Fiodor Dostoiewsky — Eles matavam, assaltavam, roubavam e se acreditavam impunes.

Até que surgiu o agente Raskolnhikov e seu poderoso Esquadrão M, para restabelecer a Lei e a Ordem! Uma estória empolgante de ladrões e bandidos, onde se mostra, mais uma vez que o crime não compensa, e que o Império da Lei sempre triunfa. Oferecemos desconto de 20% aos agentes da Lei e da Ordem, mediante apresentação de carteirinha funcional devidamente atualizada, em carteirinha de sindicato, com o recibo quitado do último mês.

Ulysses — de James Joyce. Conheça o pensamento vivo do atual líder da oposição. Trechos escolhidos de discursos, comícios, manifestos e pronunciamentos. Sensacionais frases de efeito, para você usar nas reuniões de amigos. Prefácio de Orestes Quércia, orelhas de Franco Montoro.

Madame Bovary — de Gustave Flaubert — As estórias secretas de uma mulher devassa da corte de Luís XIV. Intrigas de alcova! Chocante realismo! (Aconselhamos manter esta obra fora do alcance de pessoas menores de 18 anos, ou adultos imaturos).

O Contrato Social — de J. J. Rousseau. Edição especial para advogados, contabilistas e amanuenses em geral. Modelos de contratos de compra e venda, aluguéis, arrendamentos, desquites, casamentos, usucapiões, penhoras, associações, sociedades anônimas, sociedades civis de responsabilidade limitada, etc.

O Velho e o Mar — de Ernest Hemingway; **Os Velhos Marinheiros** — de Jorge Amado e **Moby Dick**, de Herman Melville — Edição especial acoplada das três obras. Antologia de anedotas do cais do porto para serem contadas em festas de pessoas adultas.

O Inverno de Nossa Desesperança — de John Steinbeck — Brinde inteiramente grátis mediante apresentação do título de eleitor da comarca de Jundiaí, SP.

SANDRO VAIA

Ainda o Nêgo Zimbo

Ainda viveis! Conheço-vos, felizes
Morubixabas de ambições astutas,
Que em desgraçadas e mesquinhas lutas
Desgovernais misérrimos países!

(Os Curinqueãs, Olavo Bilac)

Não lhe contei que Nego Zimbo era curadô? Pois, contei. E não era só nas artes da cura qu'ele era bom; desenleiava qualquer coisa, por mais enozada que 'stivesse. Hoje, muitos verões passados, fecho os olhos e fico vendo Nego Zimbo escutando as mágoas caboclas. Males de ódios, aflições de amor, desesperos de mães, quieto, escutando, escutando...

•

Naquele tempo era de bom conselho respeitar a honra alheia e vigiar a própria. E vigiar os modos. Não tinha mal-querença de ódio que não fosse de honra.

De quando em quando acontecia alguma coisa grave entre namorados — mesmo ali, na sala de visitas, que em outro lugar não, não se namorava. Descuidou, acontecia; era casar, eh! casamento mais envergonhado não havia. Acontecia, era pouco mas acontecia, que um ou outro danado fazia a safadeza e-pernas prá que te quero! — sumia no mundo. O safardana, feito o mal feito, sentia aquele frio na barriga, e agora, e agora? o medo gelando tudo, aquele enjôo mais esquisito mexendo lá nas pacuera, um não se aguentar mais nas pernas bambas, e agora José? E a moça ficava esperando e esperando. Não tinha como esconder, o pai sabendo, expulsava a moça de casa — sua desavergonhada! — estava assim lavando a sua honra, mostrando que não aceitava o feito. E a pobre ia de vila em vila, o resto eu não conto, que sou muito envergonhado.

As conveniências iam neste pé até que as mães descobriam Nego Zimbo. Não, estou mentindo. Primeiro descobriram a comadre Zita. Comadre Zita era comadre de todo mundo, qu'ela era parteira, que hoje, com desprezo, os doutores chamam de "curiosa". Pois comadre Zita era curiosa, pronto! Fez nascer um mundo de criançada e matou uma porção de mães, mas já contei que lá no sertão não tinha doutor de gente? Nem doutor de bicho! Era comadre Zita. Pois é. Quando acontecia aquele negócio do moço co'a moça, muita mãe ia falar co'a comadre Zita. Quem sabe ela daria volta no caso? Engano! Isso não, qu'ela era crente. Mas um dia comadre Zita teve a lembrança da salvação.

— A mó de que mecê num fala com Nego Zimbo? Vô lá c'ocê!

E foram. E Nego Zimbo escutou. E mandou chamar o pai da moça, junto com a mãe lá dela, mais a moça. Primeiro fazia uma benzedura na tal, com tição de fogo, a moça dormia.

— Druma, druma...

E a moça dormia. Dormia porque queria dormir e saber do seu caso resolvido. Aí Nego Zimbo puxava o pai prum lado e segredava um tempão cô velho. O pai virava bicho; espumava embravecido. E levava a moça por diante aos cachações, pancadaria da grossa! Mas não expulsava, não mandava "s'imbora" a pobre. Ninguém sabia por que e nem o que o Nego Zimbo tinha falado. Ninguém. A moça ficava. Era feitiço de não-feiticeiro, milagre de não-milagreiro demônio de Nego tão santo!

Mas um dia correu a notícia. Tinha acontecido prá filha de um coronel. Então, comadre Zita. Depois Nego Zimbo. Depois a visita do coronel, que lá não queria ir e acabou indo. Porque bem lá no fundo ele queria ir. Aquelas coisas de homem brabo por fora e lá dentro pequeno, triste e envergonhado, dor mais dolorida soluçando dentro do peito. Por fora, braveza de não ter jeito! Por dentro, amargura de pai, vexação mais grande, tamanha!

E o coronel foi. Brigou — só de boca, já se vê — com Nego Zimbo. Gritou. E Nego Zimbo para se fazer ouvir teve que revelar o seu segredo, pescoço grosso de "réiva", voz roncando na boca beiçuda:

— Coroné, é face sê pai e home quando tudo tá no seu lugá em orde. Quero vê vosmecê sê pai agora qu'ela percisa da vossa bença!

E tá tá tá, foi falando, falando e o coronel foi sumindo...

E aconteciam coisas. Vou contar uma só, que não quero que me chamem de enredeiro. Uma só. Parece até romanceado de fascículo. Foi assim:

Faustão namorava Raquel. Namoro demorado, começado na procissão do padroeiro da vila. Primeiro as olhadas, os sorrisos, depois andando "de apar" como quem não quer nada, o braço direito parado, o dedinho esticado batendo na mão dela, ela também facilitando, daqui a pouco — meses depois — mão nada! Tavam namorando sem pedir nem nada. Tavam de namoro, pronto!

E aconteceu. A mãe soube, o jeito da moça, o corpo enroliçando, Faustão, a calma perdida, noites insones, a moça era bonita, linda mesmo, mas não, não quero casar agora, como haverá de ser se não tinha nada de ser? Precisava pensar, pensar agora? Deu no pé, sumiu.

Comadre Zita, Nego Zimbo, o pai, a surra mas a Raquel ficou e nasceu o nenê. Menino, filho do Faustão, loiro, olhos verdes; dela, Raquel, morena, cabelo liso de preto bugrino. Ele, caboclo, neto bisneto — sei lá — de estranjas. Ela, neta vinda de índio. A criança aos oito meses era a coisa mais linda do mundo, era vê o Menino Jesus.

Foi aí que o Faustão voltou; a brisa da saudade ou o vento forte do amor? Sabemo-lá! Chegou de manso na varanda e carregou o menino. Era vê o pai, tal e qual, cara dum, focinho d'outro. Bulha na casa, apareceu na porta nhá Zefa, vó do garoto. E o Faustão:

— Bastarde.

E ela:

— ...tarde...

— Vim buscá...

— Buscá o quê, seu mardito?

Pergunta boba. Ela sabia o quê. Tava nos olhos dele. Seguro, falando baixo...

— Chama Raqué...

O pai, a promessa de vingança, gritos na casa, mas todos sabiam que estava acontecendo o melhor. Pai brabo por fora, aliviado por dentro, até querendo sorrir... condescendente.

Raquel já arrumando seus poucos haveres, mãe venha buscar isto-aquilo e isto-depois-e-tal. Ajeitou os cabelos, o rosto tudo a trote. Faustão, dando satisfação, que na primeira missa do mês ia casar c'ela, que tal e coisa e tal. Sua mãe os receberia e tal. Vocês sabem como é. E entre, tome um café, a nossa bênção e foram s'simbora. Ele na frente, o moleque agarrado no colo, coraçãozinho buliçoso, batendo junto do peito dele. Raquel atrás, olhos baixos, aquela ânsia doida no peito, aquela aflição — gostosura — rolando por dentro, o coração crescendo, sufocando a garganta, querendo sair pela boca, já meio chorando aquela alegria tamanha, seu homem, aquela dor-tentação mexendo nos seios, alucinação de sonho acordado, nem sabia mais o que tava pensando!

Quando o deputado, que andava campeando o Faustão, sem contudo conseguir encontrá-lo, soube, resmungou alto:

— Milagrento de Nego Zimbo! Mestre Zimbo.

Desd'aí Nego Zimbo virou Mestre Zimbo.

Lógico que nem todas as aflições terminavam assim; a maioria dos "noivos" eram como sorvetes ao sol a pino. Viravam água na primeira lambida.

Os avós demoravam um pouco a aceitar a criança sem pai, mas no fim a coisa aquietava. O que não se aquietava era o moleque, que era sempre uma coisa ruim, sem pai, sem quem lhe pusesse jeito. Eram os desmancha-prazeres, ninguém se aguentava, que brigavam e destruiam até um não mais se aguentar.

Nego Zimbo, desculpe, Mestre Zimbo conhecia-os a todos. Quando punham as mãos e diziam — bença! — Mestre Zimbo dava bença especial — estendia a mão e respondia, voz grossona...

— ... bençôe...

Esses traquinas, coisas-ruins não ficavam na roça. Eram danados por má educação e se não faziam nada na roça, não trabalhavam, só daninheza o dia inteiro, cedo descobriam qu'era muito melhor não fazer nada na cidade, mais gostoso.

Meu pai dizia qu'eles iam ser vagabundos ou políticos, que era a mesma coisa. Nisto — só nisto — meu pai não tinha razão. Eles eram vagabundos ou maus políticos; pelo jeito alguns deles até conseguiam ser vereadores.

Se Mestre Zimbo voltasse a dar a bênção outra vez, até parece qu'eu estou vendo ele reconhecendo a'gum vereador desmancha-prazeres:

— ... bençôe!...

O BARTIMEU

Dentre os muitos assuntos da Câmara, um convênio que não vem sendo cumprido

O mistério que persiste em torno da aplicação das verbas destinadas pela Secretaria da Saúde do Estado ao programa de assistência ao doente mental nesta região; os custos de manutenção das unidades de serviço médico criadas na atual administração do município; a desatenção da Secretaria da Segurança Pública para com os problemas que afetam os órgãos policiais sediados em Jundiaí; e a reivindicação dos ferroviários residentes em casas da Fepasa, no sentido de que essa empresa lhes dê preferência na compra dos imóveis que vêm ocupando como locatários, mais a indicação do nome do ex-vereador João Alberto Copelli para a presidência da Comissão Municipal de Turismo, foram os principais assuntos tratados pela Câmara de Vereadores na semana que passou.

A questão do convênio firmado há dois anos entre a Secretaria da Saúde do Estado e a Faculdade de Medicina de Jundiaí com vistas à prestação de assistência médica-ambulatorial aos portadores de deficiência mental foi levantada em requerimento de autoria do líder da bancada da Arena, vereador Elio Zillo, que criticou as finalidades desse acordo, denunciando ainda o seu não cumprimento.

Segundo as alegações de Zillo, o convênio objetivava possibilitar o cumprimento de um programa assistencial ao doente mental de nossa região, sem, porém, que a pesquisa nele se apresentasse como fim último e principal. Ainda assim, conforme suas declarações, "até esta data não se tem conhecimento da efetivação de qualquer atividade junto ao doente mental de nosso município, pelo menos relativamente ao convênio em questão; apenas esporadicamente, no ambulatório do Hospital São Vicente de Paulo, é que são atendidos deficientes mentais".

O líder da bancada arenista lembrou também que têm sido muitos os doentes mentais que procuram o posto médico do INPS — onde é funcionário — em busca de atendimento, notando-se entre eles, com relativa frequência, pessoas sem vinculação previdenciária. Com as verbas resultantes do convênio — que já somariam cerca de 600 mil ou 1 milhão de cruzeiros — Zillo sustenta que a Prefeitura poderia montar um ambulatório próprio, especialização em doenças mentais, contratando psiquiatras e demais profissionais que nele precisassem funcionar para garantir o atendimento a todos os doentes, fossem eles indigentes ou segurados da autarquia.

Feitas essas considerações, ele indaga: "Por que o convênio mencionado não vem sendo cumprido? Embora a pesquisa seja necessária, não está havendo desatenção do cumprimento convenial? Pretende a administração corrigir estes acontecimentos?"

POLÍCIA

"Em Jundiaí, cidade com 220 mil habitantes, das vinte celas que a Delegacia tinha em seu presídio, doze foram interditadas, fazendo com que os 60 presidiários que lá se encontram tenham que ser aglomerados nas oito restantes..."

Motivado, talvez, por essa denúncia — constante de uma reportagem publicada no domingo, dia 19, pelo jornal "Folha de S. Paulo", na qual foram levantados os diversos problemas desta região nos setores da segurança e da assistência social — o líder da bancada arenista, Élio Zillo, requereu à Mesa da Câmara, nessa última sessão, que constituísse uma comissão de cinco vereadores para ir se entrevistar com o secretário da Segurança Pública do Estado, coronel Antonio Erasmo Dias, para reclamar melhorias nos órgãos policiais aqui existentes.

Na oportunidade da discussão desse requerimento diversos vereadores ocuparam a tribuna ou os microfones de apartes para fazer críticas ao atual secretário da Segurança do Estado, recordando, inclusive, que, numa ocasião anterior, chegou o mesmo a recusar-se em receber pessoalmente uma comissão que foi procurá-lo levando os mesmos problemas de agora. Zillo asseverou que "se tal acontecer de novo, se nós não conseguirmos falar com o secretário, iremos falar diretamente com o governador, a quem relataremos o fato".

Além das precárias condições do presídio, que o vereador Pedro Oswaldo Beagim qualificou como "o maior chiqueiro existente no Estado de São Paulo", outro problema a ser tratado com o secretário é o referente à Delegacia Distrital da Vila Hortolândia, que já está instalada há vários meses, com os alugueres sendo pagos pelo Estado, e até agora não pôde entrar em funcionamento devido à falta de designação de pessoal para operá-la.

FEPASA

Foi ainda aprovado um requerimento do vereador Pedro Oswaldo Beagim, pelo qual é solicitado à presidência da Fepasa que determine estudos no sentido de que as residências de propriedade da empresa, situadas nas ruas França e Visconde de Mauá e ocupadas por ferroviários, possam ser vendidas a estes, propiciando-lhes, assim, a possibilidade de se tornarem possuidores de casa própria. Essas residências, segundo o autor do requerimento, foram construídas há muito tempo, por ordem da direção da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro, sendo destinadas à moradia de empregados da ferrovia, que ainda hoje continuam a ocupá-las na qualidade de locatários. Naquela época, ainda segundo informa o vereador, "a C. P. dedicava atenção aos citados imóveis, conservando-os adequadamente. "Hoje, ao que parece, estão meio esquecidos pela administração da Fepasa; os locatários vêm apenas executando as reparações necessárias, pois não podem investir nessas casas sem qualquer vislumbre de amanhã poderem adquiri-las".

Ainda segundo Beagim, "estes prédios residenciais não representam significativo valor em termos de rendimentos para a empresa; por outro lado, é um patrimônio considerável, completamente desvinculados dos objetivos da Fepasa". E como essa empresa vem adotando a política de alienar bens imóveis que não tenham relação com as suas precípuas finalidades, entende ele que a venda dessas moradias virá ao encontro dos interesses da mesma e igualdade dos seus atuais locatários, além de contribuir para a consecução dos objetivos do Governo Central no sentido de possibilitar a um maior número de brasileiros possuir sua casa própria.

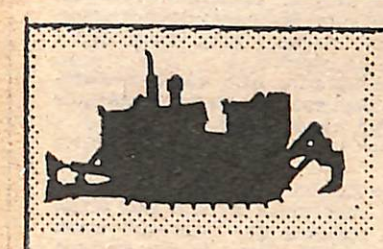
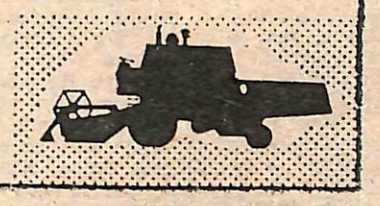
COPELLI

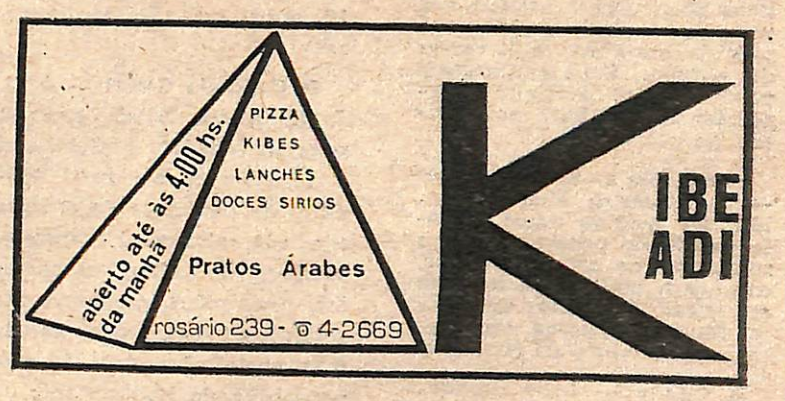
O retorno de João Alberto Copelli à vida pública, agora como presidente da Comissão Municipal de Turismo, abriu à Câmara — a quem competiu referendar a nomeação — uma chance para se desforrar das críticas que lhe fizera aquele ex-vereador dias após renunciar ao mandato que lhe fôra outorgado nas eleições de 1972.

"Com os sentidos embotados, talvez pelo nervosismo, por um sentimentalismo exagerado, por uma reflexão um pouco imatura" — como tentou explicar o vereador Elio Zillo, em sua justificativa de voto (favorável à nomeação) — foi que João Alberto Copelli renunciara a seu mandato, saindo a declarar pela imprensa que tal atitude se vinculava à sua falta de condições para "pactuar com coisas e fatos que ocorriam em Jundiaí". Mas, agora, como afirmou o líder arenista, "a Câmara Municipal — como o fizeram os eleitores que levaram João Alberto Copelli à vereança — vem uma vez mais lhe dar um voto de confiança em troca do repúdio que recebeu". Nesse voto de confiança, disse ainda Zillo, a Câmara demonstra seu "alto espírito altruístico", pois o dá a quem "tentara atirar nas costas dos vereadores a razão de um ato intempestivo".

Depois do líder da Arena iria ocupar a tribuna o emedebista Pedro Oswaldo Beagim, para também comentar os fatos passados e dizer que "todo homem merece uma segunda chance" e que aprovava a nomeação de Copelli, porém para ficar atento, fiscalizando dia a dia a sua atuação no desempenho do cargo para que estava designado.

Antonio Tavares foi o único vereador a fazer a defesa de Copelli, tendo afirmado que "ele foi injustiçado com a rejeição do seu projeto sobre transporte escolar", pois não estava presente à votação e não teve oportunidade de sustentar seu ponto de vista em relação àquela matéria. "Sobre possíveis deslizes que houveram entre João Alberto Copelli e autoridades do Município, isso desconhecemos", disse Tavares. E concluiu lembrando que, no seu ato de renúncia, Copelli deixara claro que não tinha nascido para ser vereador, faltavam-lhe condições emocionais para desempenhar tal função, mas ficava à disposição do Município para servi-lo em qualquer outro setor.


SERVIÇOS DE TERRAPLENAGEM
TRANSPORTE DE ASFALTO
REGULARIZAÇÃO DE AREAS
ESCAVAÇÕES E ATERROS
J. MENEZES LTDA
ESCRITORIO:
AV. SÃO PAULO 311 = SALA 3 = FONE 6 5252 = CX POSTAL 1192




LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL
VIA ANHANGUERA, KM. 72

AUTO PEÇAS E MECÂNICA «GRAND-PRIX» LTDA.
Especializada na linha Chevrolet, Opala, Chevete e utilitarios
Regulagem eletrônica de Motores
Preparamos motores e rebaixamos suspensão
Mecânicos Treinados na Fábrica.
— PEÇAS GENUÍNAS —
RUA BANDEIRANTES, 157 FONE: 6-8456, EM FRENTE VIADUTO RIO BRANCO
JUNDIAI — ESTADO DE SÃO PAULO

Plantão

CRIMINOLOGIA é a ciência que estuda o crime e o criminoso, nos seus diferentes aspectos, com a finalidade de encontrar as causas que determinaram a violação das leis, pelo indivíduo, e orientar a terapêutica médico-penal a ser aplicada.

Algumas considerações feitas pelo juiz-corregedor dos Presídios, da Polícia Judiciária e da Vara de Execuções Criminais: "O crime é um fenômeno social, tem sido dito e repetido, que acompanha a humanidade desde os seus primórdios; abriu-lhe as portas Caim, matando seu irmão Abel".

O juiz-corregedor Renato Laércio Talli disse isso há poucos dias, fazendo uma conferência na Faculdade de Direito de Bauru. Essa importante autoridade judiciária observou, com razão, que antes do século XVIII as especulações sobre o crime e o criminoso não passavam do terreno empírico e das hipóteses. Consequência: o delinquente era tido como um monstro ou um louco, nada se podendo fazer senão matá-lo ou encarcerá-lo definitivamente.

(Nota: exatamente como hoje alguns defendem, geralmente de forma simplista, a aplicação sumária da pena de morte).

Na opinião do juiz-corregedor, fatores de diversa natureza influem como responsáveis pelo aumento e expansão da criminalidade, este triste fenômeno social: a pobreza, o esvaziamento rural, os fluxos migratórios desordenados; o subemprego e o desemprego; a falta de equilibrada ação educadora na família e na escola; a superlotação carcerária e as condições precárias das cadeias públicas e penitenciárias, pouco ou nada podendo fazer, em termos de reeducação, em favor dos apenados; diminuição da afetividade dos pais e desintegração da família. ("Eis algumas das causas", diz o juiz).

Mas o juiz Renato Laércio Talli entende que existem outras causas, "ainda mais influentes e profundas", geradoras da expansão da criminalidade:

— Antes de tudo, a afrouxamento moral e disciplinar, a acomodação a falsos valores, aos antivalores, o abandono em grande parte do sentido religioso da existência, pela perda da própria vida para um destino transcendente.

AH MABS

O juiz-corregedor acresce ainda uma razão de caráter econômico e social: em todos os países existem faixas da população que não possuem o indispensável para sua honesta e condigna sustentação. O juiz cita São Tomás de Aquino: "é impossível praticar a virtude se não se possui um mínimo de bem-estar".

A periculosidade criminal é um estado de desajustamento social de suma gravidade, para o qual concorrem condições internas da personalidade e condições externas do indivíduo. Como diz o juiz Talli:

— A periculosidade é assim um estado biológico com repercussões legais, originando da essência psico-social do próprio indivíduo e que lhe concede singulares peculiaridades para infringir de maneira sistemática a lei penal e as normas sociais ao longo de sua existência.

Portanto, o conceito de periculosidade sócio-criminal está logicamente ligado ao de perigo, que se define como probabilidade de dano pessoal ou social.

O tema, controvertido, foi bastante debatido, também, durante o último Simpósio Internacional de Criminologia, promovido pelo Instituto Oscar Freire, órgão ligado ao USP. Participando desse Simpósio, com o juiz Talli, outros membros do Judiciário, promotores, policiais, diretores de presídio e advogados, pude observar que muitos olham com ceticismo posições como esta do juiz-corregedor, explanada publicamente na Faculdade de Direito de Bauru.

Ou seja: retornamos ao que acontecia antes do século XVIII. A verdade é que matar não resolve o problema da criminalidade. Assim como o "Esquadrão da Morte" não acabou com os assaltos em São Paulo, a pena de morte não tirou dos Estados Unidos um dos maiores índices de criminalidade de todo o mundo.

Para reflexionar, uma frase de Tolstoi: "Os homens devem escolher entre a vida e a morte. A vida está no espírito; a morte, na carne".

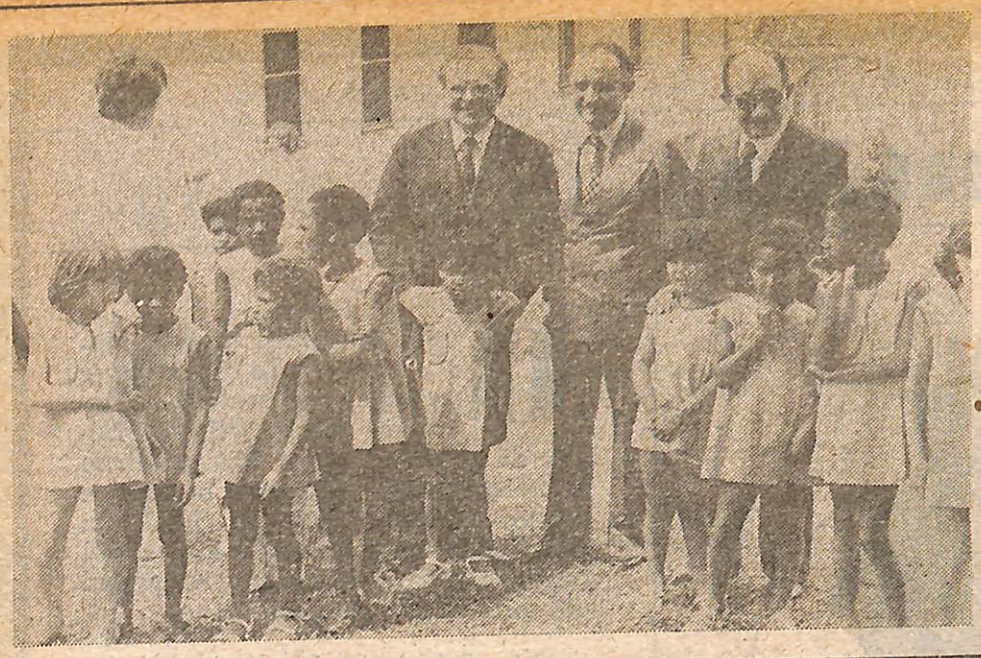
PERCIVAL DE SOUZA

CONSTRUTORA JUNDIAI LTDA.
r. Siqueira de Morais nº 578
8º andar - conjunto 801 - C

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR
ZETISERVE
A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAI
LA' VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN
avenida antonio segre, 504

OFERTÃO DO JORNAL DE 2.ª

Fazendo já a sua assinatura para 1976, ela começa a valer a partir de novembro. Quer dizer, você ganha dois meses de lambuja. Ligue-se conosco para aproveitar essa oportunidade. Nosso telefone: 4-2759.



No Hospital do Sesi, o almoço dos ministros do Trabalho e da Saúde.

O dispositivo de segurança contava com 20 elementos. A sirene disparada anunciava a chegada ao Hospital do Sesi de Jundiaí dos senhores ministros dr. Paulo de Almeida Machado, da Saúde e do ministro do Trabalho, dr. Arnaldo Prieto. Vinham acompanhados pelas respectivas senhoras e uma enorme comitiva. O almoço no Hospital estava préviamente programado para 45 pessoas e no entanto, essas expectativas foram em muito superadas Eram 12,00 h, do dia 17 de outubro. Da comitiva ministerial, participavam o sr. Theobaldo De Nigris, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, o dr. Paulo de Castro Correa, superintendente do Sesi em São Paulo, o dr. Wilson Sampaio, assistente da mesma Superintendência. Após rápida visita às obras do Conjunto Assistencial que o Sesi está construindo no Jardim Brasil, todos se reuniram no Hospital. Ali estavam à espera, o prefeito Ibis Cruz, o dr. Arnaldo Reis, o sr. Ferrão e o sr. Tobias Muzaiel, que haviam chegado juntos, há poucos instantes, no carro oficial da Prefeitura. Estavam também o sr. C. Ungaro, o vereador Silvio Bonassi o vereador-repórter Rolando Giarolla. Representando a Federação das Indústrias, em seu âmbito local, estava presente o sr. Arnaldo Infantil, delegado da entidade. Antes que fosse servido o tradicional aperitivo, fez uso da palavra a sra. Vitória Furlan de Souza, diretora administrativa do Hospital, para dar as boas-vindas aos ministros Em seguida, falou o diretor clínico dr. Miguel Bove Netto, que fez ver aos presentes um quadro demonstrativo das atividades do Hospital, nos últimos 4 anos, informando que de 1971, quando foi implantada a assistência gratuita à infância da região, a 1974, houve um aumento de 36.728 leitos-dia no atendimento global daquele setor. Durante as conversações mantidas entre os líderes das entidades ali representadas, o ministro da Saúde, dr. Almeida Machado, a título de comentário afirmou: "Nós mesmos ignoravamos que o Sesi fosse uma potência como ele o é".

Em seguida foi servido o almoço. Nesta ocasião o prof. Metry Bacila, diretor da Faculdade de Medicina de Jundiaí, agradeceu ao sr. Theobaldo De Nigris a possibilidade que o Sesi ofereceu à escola de poder fazer uso do Hospital, para dar cobertura à cátedra de Pediatria da Faculdade, o que é feito sob convênio entre as duas repartições. Ressaltou a importância da integração existente entre o poder público e a iniciativa privada. Em resposta, o sr. Theobaldo De Nigris ressaltou o papel da indústria, no atual estágio de desenvolvimento nacional, fazendo a pungente revelação de que fora, há 19 anos, um operário também. A fala subsequente foi do ministro do Trabalho, sr. Arnaldo Prieto que num rasgo de solidariedade, a transferiu para seu colega da Saúde, dr. Paulo de Almeida Machado.

Encerrando os discursos, o dr. Paulo teceu considerações, primeiro, sobre a descoberta do espírito da agremiação sesiana, quando destacou "o quanto se pode dar de si em prol dos demais fato pressentido no atual contato. Disse que não fazia discursos, mas só conseguia conversar, a nível de amizade. Disse também do papel do médico, em função de sua profissão, que, pelo seu próprio conhecimento de causa, esse papel era melhor desenvolvido, quando encontrava condições humanísticas capazes de bem conduzir seu desenvolvimento, condições iguais as encontradas no Hospital. Afirmou que a sofisticação de instalações não melhora o nível do atendimento, uma vez que esse hospital era simples, modesto até, mas que se baseava na pessoa humana para cumprir com sua função. Disse ainque a tecnologia não conseguirá afastar o homem do seu objetivo primordial, que para ele, é o próprio homem.

Eram 15,30 horas do mesmo dia. Ao encerramento da visita, a reunião foi desfeita com os ministros se dirigindo a Viracopos, de onde partiriam diretamente para Brasília e os dirigentes da Federação das Indústrias e do Sesi, para São Paulo. Antes porém, o ministro do Trabalho teve oportunidade de se entrevistar com os líderes sindicais da cidade, que apresentaram suas revindicações.

Na mesma ocasião, o dr. Hamilton Protto, juiz do Trabalho da Comarca, solicitou pessoalmente ao ministro Arnaldo Prieto a sua interferência no sentido de que fosse criada em Jundiaí uma segunda vara para atender ao crescente movimento daquele juizado.

Os motivos da visita

Dr. Paulo de Castro Correa foi, como Superintendente do Sesi em São Paulo, encarregado de organizar o roteiro da visita ministerial às obras desenvolvidas pela entidade na região. Em Jundiaí, quando o Jornal de 2.a o entrevistou, assim se manifestou quanto às razões dessa visita:

— Recebemos, através do sr. Theobaldo De Nigris, a solicitação de se fazer um programa para o ministro do Trabalho e para o ministro da Saúde que queriam visitar e conhecer o Sesi. Então aproveitando a oportunidade da inauguração do conjunto Assistencial e Desportivo de São Carlos, nós fizemos uma programação incluindo o Hospital de Jundiaí e também uma visita às obras do mesmo conjunto em construção nesta cidade. E como o ministro da Saúde vinha junto com o ministro do Trabalho nós não podíamos deixar de incluir o hospital. Aliás diga-se de passagem, o ministro da Saúde está perfeitamente a par dos trabalhos do hospital do Sesi de Jundiaí e manifestou de Brasília o desejo de conhecê-lo.

Quando foi perguntado ao dr. Paulo como ele se sentia como um dos mais "novos cidadãos judiaienses" ele respondeu:

— Me sinto orgulhoso, satisfeito e sinto-me um pouco mais velho, porque quando se começa a receber homenagens é sinal de que se já está na segunda fase da vida.

Com o coordenador da visita dos ministros, dr. Paulo de Castro Correa, superintendente regional do Sesi em São Paulo (à esquerda), aqui aparecem o dr. Miguel Bove e Vitória Furlan de Souza, respectivamente diretores clínico e administrativo do Hospital do Sesi.

Com a palavra o dr. Arnaldo Prieto

Em entrevista exclusiva para este jornal, estamos transcrevendo as palavras do ministro do Trabalho, dr. Arnaldo Prieto:

— É com muita satisfação que venho mais uma vez a Jundiaí nesta oportunidade na companhia do meu eminente colega o ministro da Saúde. E viemos a Jundiaí para conhecer os serviços assistenciais, principalmente na área do Sesi. Como os senhores sabem, é preocupação permanente do Governo Geisel, o desenvolvimento social do nosso País. O homem é o objeto supremo de todo o planejamento nacional. E nesse sentido, com essa política definida de promoção do homem brasileiro, estão aqui presentes dois ministros da área social, buscando conhecer o que se realiza no sentido da promoção do nosso trabalhador, do trabalhador de Jundiaí e desta região de São Paulo. Quero a você, caro trabalhador, à senhora, transmitir a minha saudação com os votos de pleno êxito e sucesso. Que continue a ajudar a promoção do desenvolvimento desta região e do desenvolvimento da Nação. E meu muito obrigado pela oportunidade.

EDUARDO DE SOUZA FILHO

MEU CARO

(O que se passa com o nosso teatro?)

Quantas vezes tentaram nos enganar com a seguinte frase: "Por que a realidade em si?", ou, pior ainda: "Por que a verdade em si?" Ora, não existe nada em si. Não é novidade que tudo existe em relação a alguma coisa. Até o "Samba para uma nota só", do Tom Jobim, não tem uma nota só. Em se tratando da realidade que atravessa o nosso teatro, não poderemos analisá-la sem levarmos em consideração não somente a do teatro latino-americano, como a do mundo em geral; caso contrário, cairemos na velha armadilha da verdade em "si". Aprofundando mais, meu caro, para compreendermos melhor ainda, teremos que tomar conhecimento das causas que determinaram o nascimento do teatro na Grécia e seus efeitos, ou seja, as influências sócio-político-econômico-geográfico-religiosas da época, já que o teatro, como todas as artes e atividades humanas, é reflexo do mundo exterior, agindo sobre o mesmo, pois do nada não se tira nada. O abstracionismo, por exemplo, é uma estupidez que reflete a alienação da época de seus "criadores" e é amparado e incentivado por certa camada da população economicamente privilegiada, que se interessa em manter essa mesma alienação na sociedade. Mas não estamos aqui para fazer história.

Meu caro, reuniu-se, na semana passada, em São Paulo, a Comissão de Liberdade de Imprensa (CIP): "O maior obstáculo à liberdade, no Brasil, é e continua sendo a vigência de uma legislação excepcional (AI-5), que permite a censura prévia a livros, publicações e periódicos de qualquer tipo. Com essa declaração, o presidente da Comissão de Liberdade de Imprensa, Germano Ornes, iniciou a leitura do relatório." (Transcrito do JT de 22-10-75).

Meu caro, por que, em toda a história do teatro brasileiro, nunca houve, como hoje (mesmo no Estado Novo, em que havia poucos teatrólogos), tantas proibidas? Será subversão? Pornografia? Pornossexo? O que é subversão, pornossexo, pornografia? Você, que me lê, concorda com tudo? Não? Então você é subversivo? O teatro, como a vida, é ação. Um diz sim; outro, não. Meu caro, nunca disse um palavrão? Nem pensou? Nunca escutou? O que é um palavrão, uma palavra ou uma palavrinha? Palavrão é aumentativo de palavra? Como ela nasceu? Caiu do céu? Plínio Marcos é pornográfico? O que é o latim que a igreja fala? Palavrão? Como já dizia Maiakovski, "é infantilidade pensar que se possa construir o que quer que seja sobre palavras ou palavrões, mas elas existem". Agora, como as palavras são o reflexo da sociedade, como você quer que uma prostituta analfabeta fale como uma rainha ou como a minha mãe? Mas, mesmo a minha mãe, depois de alguns uísques, também fala o que chamam palavrão. Uma rainha nunca pensou num? Nunca disse? E o que me diz dos Borgias? Foram reflexo da época! Agora, querer mostrar os favelados tomando uísque escocês, vestidos de "smoking" e falando inglês, pode? Você contra-argumentará: "Mas por que só mostrar coisas feias no palco? Também há coisas bonitas!" Sim, digo eu! Concordo. Mas já imaginou duas horas de felicidade ininterrupta no palco? Você aguentaria? O que são as sinfonias de Beethoven? E os "Adagios", "Allegro ma non tropo" e "Vivace"? São o sim e o não: o teatro, a vida, meu caro, a luta, de preferência construtiva, caso contrário estaremos mortos, ou na rotina, na monotonia, o que é muito pior.

RICARDO BANDEIRA

O trabalho de Domingos Antunes pelo nosso Teatro de Comédias

Um outro componente do nosso Teatro de Comédias, que está buscando sua ascensão nesta cidade, é o ator e diretor Domingos Antunes. Ele está há dez anos no teatro, havendo iniciado sua carreira depois de um curso de arte dramática, em São Paulo. Feito esse curso, passou para o circo, onde durante algum tempo desempenhou o papel de palhaço. Por volta de 1967 foi que passou a se dedicar ao teatro amador e decidiu buscar seu aperfeiçoamento fazendo curso de arte dramática. Completou sua formação com os cursos de Tecnologia de Cinema e Comunicação, este último concluído em 1972.

Domingos Antunes diz que veio a Jundiaí "com o objetivo de simplesmente fazer propaganda para a televisão". Mas, estando aqui conheceu Jurandir de Oliveira, que o apresentou para o grupo de teatro amador que ele havia formado — e que veio a ser o já divulgado Teatro Jundiaí de Comédias — em cujo elenco viu logo grande possibilidade de ascensão no campo artístico.

O trabalho de Domingos Antunes junto ao Teatro Jundiaí de Comédias é "psico-físico", ou seja, ele tenta colocar cada personagem dentro de uma situação determinada e analisa sua reação, trabalho esse que se destina a fazer com que o ator sinta realmente o personagem que está representando.

Segundo ele afirma, o campo de atividade teatral "está avançando 70% no caminho da correção primária, pois se encontram ainda muitos pseudos nesse campo". Não fosse isso, acrescenta, "teríamos grande chance de melhora, recebendo o apoio que o Governo tem procurado dar ao teatro".

Com vários anos de experiência na direção de grupos teatrais, Domingos faz questão de afirmar que não é um moralista por excelência, mas pensa "somente em perfeição dentro do campo das artes". Diz também que, no seu modo de entender, "cinema, teatro e televisão são os únicos veículos de comunicação e cultura que resvala no senso intelectual de cada um".

Já tendo dirigido várias peças de teatro amador, como "Honrarás Tua Mãe", "Os Transviados", "Os Lírios Também Choram" e "O Morro dos Ventos Uivantes", ele foi escolhido para dirigir algumas peças do teatro profissional, aceitando esse encargo em "Martinho Contra o Morto", "Cinco Minutos no Vietnam", "Ringo a Caminho do Inferno", "O Último Rebelde", "Entre o Céu e o Inferno" e "Aliança de Luto", esta última ainda não mostrada ao público.

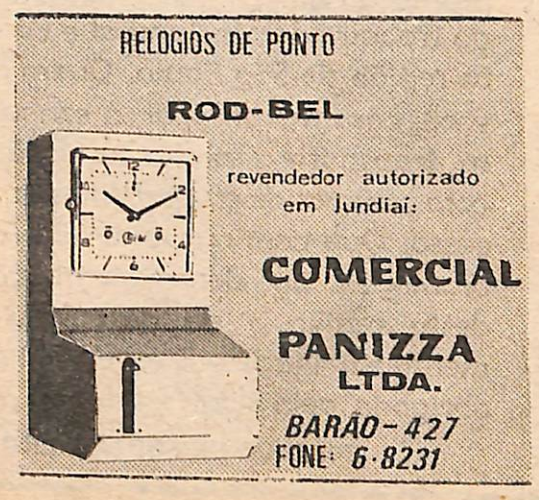
"Com a experiência que tenho — conta ele — o único comentário que posso fazer sobre os meus contatos com o grupo é que o pessoal conta com pelo menos dois fortes fatores a seu favor: a grande vontade de fazer teatro, mas profissional e o humilde, que constitui uma das qualidades essenciais à formação do bom artista. Todo o meu trabalho, por menor que seja, tem duplo valor e mensagem, porque sou também um dos responsáveis pela cultura em nosso País".

Teatro sobressai (de novo) no Encontro do Rosa

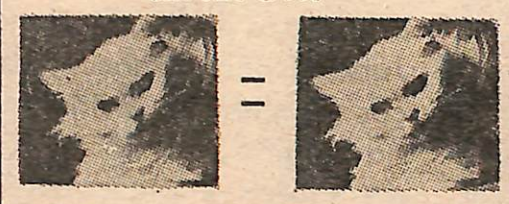
O "III Encontro de Artes" do Colégio Rosa, realizado na semana que passou, serviu uma vez mais para evidenciar a grande motivação dos alunos do estabelecimento para a atividade teatral e as artes plásticas, mas principalmente o teatro, justificando, aliás, o apoio que lhes vem sendo dado pela direção, que, há cerca de dois anos, cuidou de dotar a escola de um local adequado, ainda que em tamanho reduzido, para os ensaios e representações do T.E.R.

O "Encontro" foi aberto na quinta-feira com exposições de pinturas e fotos, com a participação dos artistas Edson de Castro (com sala especial), Raul Zomignani, José Roque Cereser, Issis Martins Roda, Elvio Santiago e Alberto Franco Cecchi e dos fotógrafos Francisco Alves de Queiroz, Lívio Tagliacarne, Armando Pereira da Silva e Braz Piva, todos com excelentes trabalhos.

A partir de sexta-feira o Teatro Estudantil Rosa exibiu todo o seu ecletismo, levando ao palco um diversificado "show" artístico, uma seleção de monólogos e por três vezes a sua peça "Viva o Amor", de autoria de José Carlos Fonseca, componente do grupo. Trabalham nessa peça, sob a direção do prof. Ulisses Nutti Moreira e coordenação de Neusa Maria Silvia e Silvana Cúcia, os seguintes atores: Aparecida Bianchini, José Ariovaldo Figueiredo, Antonia Cristina R. Camargo, Mário A. B. Brunelli, José Mauro Lorencini, Nádiia Calciolálio, Maria do Carmo Dorighelo, Elisete Rocco, Tânia Clara Rethondim e Cristina Schombek Pelegrini. O encarregado da sonoplastia é Edson Eduardo Lupicini e pela iluminação responde José Luiz de Oliveira Fagundes.



FOTOCOPIADORA
MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.
rosário, 618 - fone: 6-8460

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RAPIDOS E SEGUROS
HIDROTECNICA
projetos e execuções
rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

A morte de um parque

Até o ano passado, Jundiaí tinha um parque infantil municipal na Praça da Bandeira, onde, por sua localização central, podiam abrigar-se inúmeras crianças residentes na redondeza, enquanto suas mães iam ao trabalho. Naquele recanto, as crianças contavam com professores de artes, recreacionistas, enfim, com todos os cuidados e orientação de que necessitavam para um crescimento sadio. Era, por assim dizer, uma espécie de oasis para a garotada.

De repente, esse oasis começou a ser demolido, algumas árvores foram derrubadas, o marco histórico do qual se originou o nome daquela praça — era ali que se dava, em tempos idos, o encontro das bandeiras que partiam para o desbravamento dos sertões — foi desrespeitado. E o parque desapareceu. Foi escondido num reduto da Prefeitura, na rua Coronel Leme da Fonseca, onde outrora funcionara a Diretoria de Obras do Município. Assim, uma enorme clientela de crianças que aspirava a uma vaga naquele parque ficou privada da concretização de tal desejo, pois o mesmo já não poderá atendê-la onde está agora colocado.

O Parque Infantil "Prefeito Anibal Marcondes" está sendo sacrificado para a ampliação da atual estação rodoviária "provisória" instalada "provisoriamente" nas dependências do antigo Posto de Puericultura.

Sabe-se que ao tempo em que foi prefeito, o dr. Walmor Barbosa Martins foram feitos dois projetos para a implantação de uma estação rodoviária em Jundiaí, um deles localizando-a junto à estação ferroviária e outro no terreno da antiga Cooperativa Agrícola de Jundiaí. Mais tarde, estudou-se a implantação da nossa rodoviária próximo ao trevo de Itu. Nenhum desses projetos, contudo, foi levado à fase de execução.

Enquanto se assiste à destruição do parque e da própria Praça da Bandeira, para onde já foram levados, inclusive, os pontos de algumas linhas urbanas (SESI, Moisés e Retiro), com evidentes prejuízos a seus usuários (não se esclareceram até agora as razões da recusa da Praça dos Andradas para a parada desses ônibus), observa-se, também, a utilização do pátio da estação ferroviária e da rua Barão do Rio Branco por ônibus interurbanos de várias localidades, inclusive de São Paulo, que ali vão apanhar seus passageiros.

E as crianças, que nada entendem de planejamento e tampouco de política, olhando para o vazio que se forma no meio da Praça da Bandeira, indagam com tristeza: "O que aconteceu com o nosso parque? Por que não vai mais funcionar? Cadê os balanços?".

Cadê o DAE?

A prosopopéia do sr. prefeito com o intuito de, entre outras baboseiras alardear as atividades do DAE através dos caríssimos panfletos coloridos que tem feito espalhar a granel pelos quadrantes da cidade, longe está de merecer os elogios que neles vêm estampados.

O DAE, como autarquia municipal altamente dispendiosa ao contribuinte, deixa muito a desejar no que concerne a um atendimento à altura das exigências de uma comunidade como a nossa.

Exemplos dessa assertiva temo-los às centenas.

Como tal, jamais teríamos nos abalançado a estas linhas não fosse o ensejo que nos estão dando os moradores da rua Secundino Veiga, no trecho compreendido entre Barão e Rosário.

Vai já para um mês que os moradores da casa 126 chamaram o DAE para atender a consertos no esgoto que havia estourado, prontificando-se a pagar, como de fato pagaram, o preço cobrado pelo serviço executado.

Acontece, todavia, que o DAE fechou o vasamento no interior do prédio mas o deixou exposto na rua ao meio fio da calçada.

Pelos interstícios das pedras mal recolocadas verte dia e noite, há muitos dias, um cheiro horrível sem que a turma dê ali o ar de sua graça.

A vizinhança já começa a perder a paciência com o "esquecimento" e desce a língua por cima do alcaide, o qual, segundo ela, (a vizinhança), ao invés de gastar tanto dinheiro com "conversa fiada" bem que poderia meter o ferrão no DAE para que não fosse tão negligente, ou, do contrário, o fedor acabará pestiando o ambientes naquele trecho de rua. C.

Desapropriação do "Solar" será paga logo

Dentro de somente mais alguns dias, o Estado já deverá estar-se imitindo na posse do Solar do Barão de Jundiaí, providenciando, para isso, o pagamento da justa indenização aos proprietários do imóvel.

Esta medida, que porá fim à polêmica atualmente alimentada por grupo interessado na demolição do Solar, foi revelada na última semana, quando estiveram na cidade dois engenheiros da Procuradoria do Patrimônio do Estado, drs. Carlos Roberto Soares Corrente e Ézio Colli, encarregados de levantar informações para a avaliação final do imóvel tombado há sete anos pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Urbanístico do Estado, de modo que se possa concluir o processo expropriatório, agora na fase administrativa.

Os técnicos enviados pela Procuradoria do Patrimônio do Estado estiveram em contato com o historiador Alceu de Toledo Pontes, membro do Instituto Histórico e Geográfico, com quem obtiveram parte das informações de que necessitavam, e disseram, nessa ocasião, que o Estado tenciona imitir-se imediatamente na posse do Solar para preservá-lo da destruição, bem como destiná-lo, quanto antes possível, ao fim cultural que lhe foi proposto na época do tombamento, qual seja, a instalação do Museu Conde de Parnaíba.

AH MABS

Paulista F. C.

50 anos de glórias

(6.a parte)

Em 1918, o Paulista F.C. já possuía um quadro respeitável, contando com elementos à altura dos melhores plantéis de São Paulo. O E.C. Corinthians Paulista, já famoso naquela época, enviou, em 5 de julho, um ofício ao clube local solicitando, por empréstimo, os jogadores Benedito Bueno e Juvenal Pedroso para comporem sua equipe nos dias 14 e 21 daquele mês. Os referidos jogadores foram emprestados para o jogo que o Corinthians faria no dia 14, mas não puderam sê-lo para o jogo do dia 21, pois, nessa data, o Paulista tinha compromisso nesta cidade.

Jogos amistosos — Logo após a inauguração de sua praça de esportes, o Paulista entrou em grande evidência no Estado. Muitos foram os convites recebidos para jogar em seu próprio campo e em outras cidades.

Em 29 de junho, os jundiaienses jogaram em Bragança, com o São José, e venceram folgadamente por 5 tentos a 1. Era grande a rivalidade entre o Paulista e o Corintians jundiaiense naquele tempo. E para a realização de uma partida entre ambos, considerados então os dois melhores quadros do Interior, foi necessária a convocação da Assembléia Geral, pois a Diretoria — pesando a responsabilidade — não quis tomar sozinha o encargo de combinar o jogo. Resolveu, então, a Assembléia, pela realização do jogo entre o primeiro e segundo quadros com os correspondentes do Corinthians, nas seguintes condições: 30% da renda líquida seriam para o Hospital São Vicente de Paulo, Associação Protetora dos Morféticos, Asilo Barão do Rio Branco e Asilo Creche Anália Franco, 20% para o Corintians jundaiense e 50% para o Paulista. Nada encontramos nas atas seguintes com referência ao resultado desse jogo, que se realizou em 21 de junho de 1918. No entanto, consultando pessoas que se lembram do referido jogo, informamo-nos de que o Paulista venceu com seu segundo quadro pela contagem de 2 tentos a 0 e perdeu a partida principal por 1 a 0, sendo este único tento do Corinthians jundiaiense assinalado por Totô, aos 7 minutos do 1.o tempo.

A nova sede — Com a inauguração dos melhoramentos introduzidos na praça de esportes, entrou o Paulista numa fase de grandes atividades. O Campeonato Interno, que, até então, tinha sido a razão da existência do Paulista, foi colocado em plano secundário, pois a realização de partidas amistosas intermunicipais era o que atraía a atenção geral dos esportistas locais.

Em consequência desse impulso magnífico que o futebol tomou em nossa cidade, aumentou consideravelmente o número de sócios e a diretoria resolveu instalar novamente a sede social.

Foi escolhido o "Palacete Nagib" (esquina da rua Barão de Jundiaí com a São José), cujo aluguel era de 175 cruzeiros mensais, para a instalação da nova sede. Esta foi convenientemente mobiliada e o Paulista conheceu, assim, um progresso jamais obtido nos seus primeiros nove anos de vida.

Um aumento de mensalidades — Em julho de 1952, tempo recente dentro desta nossa história, a Assembléia Geral do Paulista elevou, por unanimidade, o valor da mensalidade dos sócios de 5 para 10 cruzeiros. Poucos foram os que não concordaram com o aumento e, por isso, se demitiram.

Uma sociedade não progride sem renda. Sendo a principal fonte de receita do clube a contribuição dos sócios, é geralmente com o acréscimo destas que a diretoria pode enfrentar os problemas financeiros oriundos das vantagens que passa a oferecer ao quadro associativo.

Mas, em 1918, tal não aconteceu. Como vimos, pela exposição feita, o Paulista F.C. tomara um grande impulso esportivo e social; suas despesas aumentaram consideravelmente e a diretoria pensou em elevar as mensalidades dos sócios de 2 para 3 cruzeiros. O assunto foi debatido na Assembléia Geral, em 28 de julho, com a presença de 112 sócios. Votaram a favor do aumento 69 sócios, portanto, mais da metade dos presentes. No entanto, em 2 de agosto, ou seja, 7 dias depois, nova Assembléia foi realizada, em atendimento a um abaixo-assinado enviado à diretoria do clube pedindo para que não fosse elevado o valor das mensalidades, eis que muitos sócios não estavam em condições de pagar 3 cruzeiros por mês. E, efetivamente, nessa nova Assembléia ficou resolvido que a mensalidade seria mantida a 2 cruzeiros.

Uma proposta do Palestra Itália — Na época em que se desenrolaram os acontecimentos que estamos narrando, o futebol não tinha uma organização oficial, como hoje tem. A Associação Paulista de Esportes Atléticos era a entidade que dirigia o futebol paulista, porém outras associações podiam competir-lhe, bastando para isso que houvesse a desistência de alguns clubes e estes se dispusessem a formar outra entidade. Foi este o caso do Palestra Itália (atual Sociedade Esportiva Palmeiras), que, por motivos que desconhecemos, se desligou da APEA e fundou uma nova liga de futebol profissional.

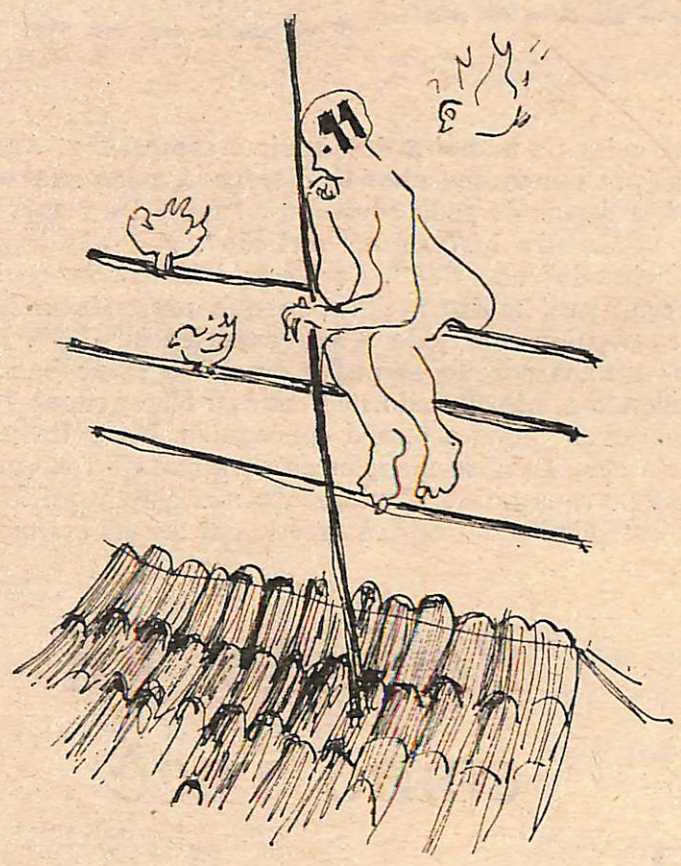
No dia 30 de julho de 1918, o Paulista realizou uma Assembléia Geral e, nessa ocasião, o "Palestra" enviou a Jundiaí um de seus diretores, sr. Valentim Sola, com a missão de convidar o tricolor jundiaiense a ingressar na nova entidade que se iria formar e, em troca, aceitar um jogo nesta cidade com aquele clube. Enquanto o sr. Valentim esperava na secretaria do clube, realizava-se no salão principal da sede a Assembléia para estudar sua proposta. Após demorada reunião, dos 87 presentes, 62 se manifestaram pela não filiação do Paulista à nova entidade em formação sob a liderança do clube de São Paulo.

Aí está, senhores leitores, uma prova evidente do prestígio que gozava o tradicional clube local naqueles tempos. A sua cooperação era disputada em qualquer associação que desejasse liderar o futebol paulista.

No próximo número estaremos tratando de outros interessantes episódios da vida do Paulista, tais como sua preocupação com o amadorismo, o recesso devido à gripe espanhola etc.

José Faggiano Júnior

O rei da mídia



E desta vez em definitivo. Bomba, bomba. Sílvio Santos dizia, vem aí. E deu certo. Certa vez, conversando com um redator-chefe da UPI, para a América Latina, ele me disse que o risonho apresentador Sílvio Santos, tentava, com todas as forças conseguir elevar o nível cultural de seus programas para convencer a todos da importância dos mesmos junto ao público consumidor de tal mister. Pelo visto conseguiu. Não só alterou o nível cultural do telespectador, como conseguiu se fixar num só e exclusivo canal de televisão. Depois de várias derrotas junto dos concessionários nacionais de canais televisores, conseguiu, finalmente, emplacar o canal 11, do Rio, passando a ser um dos poucos proprietários de emissoras de TV do Brasil. Parabéns Sílvio. Ele merece, ele merece... **EDUARDO**

Scorza, pra ler e pensar

Anote os nomes: "Bom dia para os defuntos" e "História de Garabombo, o invisível".

São dois romances do peruano Manuel Scorza, atualíssimos, importantíssimos, contando, de forma magistral, a luta dos "índios" pela conquista de seus direitos.

Realidade e fantasia como somente a boa literatura latino-americana é capaz de produzir. Compre hoje mesmo. (E.M.)

Bebe, fon-fon!

Na abertura da assembléia da SIP (Sociedade Interamericana de Imprensa), que se realiza em São Paulo, o relator George Beebe, jornalista norte-americano, revelou, entre outras coisas: que existem grandes profissionais da imprensa entre os brasileiros; que a queda do governo marxista português se deveu, principalmente, ao fechamento de um jornal; que ele lamenta muito a situação da Espanha.

Foi palma que não acabou mais. (E.M.)

Como é que fica?

Sr.: "Semana dessas, comentando o show de Alceu Valença, "Vou Danado pra Catengue" (como prefere um colunista aqui da praça), o nosso amigo E.M. disse que ainda dá para se encontrar o único LP desse moço. Disse mais: que era um LP da Copacabana, lançado em 1971. Acontece que, seguindo o conselho de E.M., fui à procura do disco e encontrei um Alceu Valença da Som Livre, lançado em 1974 ("Molhado de Suor"). Como fica agora: E.M. se enganou ou existem dois LPs do rapaz?"

Emílio Braga, Anhangabaú

AH MABS

Áries (21/3 a 20/4)
A julgar pelo que tem havido aí de manifestações contra umas tantas indecências internacionais, nós estamos vivendo na tua era, Agnus de Deus.

Touro (21/4 a 20/5)
Na terra dos outros, você é vaca. Portanto, na Índia, você está por cima da carne seca. Já em Nova Iguaçu, você foi pro brejo. Se a moda pega...

Gêmeos (21/5 a 20/6)
Dupla personalidade, duplo critério, duplas horas-extras, né? Agora aguente as Duplas-Ações.

Câncer (21/6 a 21/7)
Não, meu filho, aquilo que estão espalhando pela rua Rangel não tem nada a ver com o teu signo. É ruim também, mas tem uma vantagem: acaba depressa.

Leão (22/7 a 22/8)
No Estado do Rio, mais exatamente em Nova Iguaçu, quem entrou como você está saindo que nem cachorro: rabinho entre as pernas e o povo gritando "Passa, passa!".

Virgem (23/8 a 22/9)
Pelo movimento que tem, a tal avenida deve ter sido feita em tua homenagem, filha. Sorria. Ou finja, pelo menos.

Balança (23/9 a 22/10)
Se você é do tipo que anda na mão daquela moça que tem os olhos vendados, você vai ter muito trabalho ,de agora em diante.

Escorpião (23/10 a ... 21/11)
Teu signo é da Terra. E terra tá custando uma nota, filho. Tanto a fixa quanto a semovente. Evite concorrência. Ou mate-se.

Sagitário (22/11 a ... 21/12)
Você, que é auto-suficiente em matéria de locomoção, cale a boca e não fale, nem brincando, em petróleo. Ou vão te dar um galope.

Capricórnio (22 / 12 a 20/1)
Ação Popular não tem nada a ver contigo. Pra que então esse chifre virado, meu filho?

Aquário (21/1 a 19/2)
Evite contatos com o DAE. A tua água, querida, além de cristalina, ainda é barata. Ou barato, como preferires.

Peixes (20/2 a 20/3)
Se eu fosse você, me meteria no signo de cima. Pelas razões acima expostas, seu bagre cego de uma figa. Ou figo, como preferires.

PROFA. ZULEIKA

O primeiro treino

2 de janeiro de 1961. Feriado bancário. Queria ter vindo treinar no feriado, dia 1.o. Mas o Autódromo estava fechado. Combinei com o negrão que trabalhava comigo, que sairíamos de Jundiaí bem cedo. Quando cheguei à oficina, o Souza já estava lá.

Ele não conhecia Interlagos. Montou na "carreteira" olhando tudo em volta, assustado mas ansioso. Sentei-me na poltroninha do Chico Landi. O Souza sentou-se em um enorme tanque de gasolina de alumínio, colocado atrás da poltroninha. Esse tanque havia sido construído nos hangares da Varig, em Porto Alegre. Era um dos trunfos do carro. 150 litros de gasolina bem ali. Prontos para derramar e pegar fogo.

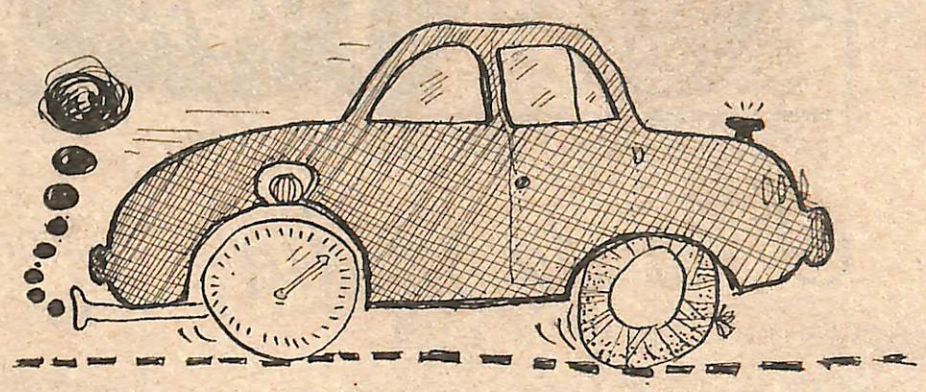
Caixa de ferramentas jogada no chão desnudo e perfurado. Antes de ligar o motor conversamos tudo o que era possível lembrar, porque depois de ligado não dava para ouvir nada mais que os 8 cilindros em "V" do "Corvetão".

Anhanguera, São Paulo, Santo Amaro, Interlagos.

A viagem havia sido rapidíssima porque o que a "barata" acelerava não era brincadeira. Autódromo vazio, u'a manhã linda, um sol de verão. Eu tinha estado procurando decorar o circuito. Suas muitas e diferentes curvas, de alta, média e baixa velocidades. Suas retas longas e o anel externo, de alta velocidade.

Começaram então os arroubos da técnica. Eu havia dividido a pista em 7 partes para poder cronometrar cada parte por si, analisando o traçado descrito, os pontos de freagem, as marchas usadas e os locais de "desgarrar".

O Souza, que até então não havia visto um cronômetro, aprendeu a manejá-lo. E o fez bem. De volta para outra eu alterava alguma coisa na maneira de dirigir e comparava. Antes disso gastei algum tempo desenhando o traçado, para que soubesse o que viria depois de cada curva ou ao final das retas.



Era uma verdadeira histeria e "curtição".

Comecei "visando" uns 4'23". Ao final já havia conseguido 4'17" o que considerei muito melhor do que pretendera. E o Chico havia conseguido com toda a sua experiência 4'13". Paramos logo os treinos porque os pneus traseiros se acabaram. Eu estava andando muito de lado nas curvas. Não aguentei de vontade de contar ao Chico o tempo conseguido. Na volta passamos pela casa dele. Lembro-me bem da cara que ele fez quando contei o tempo conseguido. Certamente não acreditou. Mais tarde, porém, entendeu como estava errado em ter subestimado os resultados.

PUFS!

Energúmeno, esse enérgico homem.

Faixa etária é uma pista de asfalto exclusiva para o passeio de pessoas idosas.

Albino morreu de cabelos brancos, em plena luz do sol.

Falácia é a facilidade de expressão.

O turbilhão sempre se destaca na massa.

Panegírico é uma unha arruinada.

Chateaubriand foi comido pelos índios, em carne viva.

Maxixe, no Nordeste, é um barato.

Matusalém é uma expressão latina que corresponde ao nosso "atrás da moita".

Cálculo vetorial é um mal que ataca os rins de jovens estudantes de engenharia.

Funicular é uma dança napolitana.

Feed back é um mau cheiro proveniente das costas.

Panacéia é um lauto jantar que se oferece aos doentes.

Gomorra é um tipo de ejaculação precoce.

Surubim é um peixe muito libidinoso.

Piorréia é o feminino de pierrô

Al Fatah, em judaico, quer dizer "Corra!"

Chicago é uma expressão de desespero, muito usada na década de 20.

Fóssil é o feminino de míssil. falso das estrelas de Hollywood.

Sui generis é um tipo de androginia.

Nostradamus é uma catedral de Paris onde morava Gargantua, um homem quase mudo.

Relapso é um duplo espaço de tempo.

Erosão é um grande erro de cálculo.

Eclipse é uma pecinha de arame com a qual Galileu coçava a orelha.

Calvário é a perda de cabelos, decorrente de uma crucificação.

Fóssil é o feminino de míssil.

Catapulta é a repressão ao lenocínio.

Áspide, um "cobra" da antiga polícia portuguesa.

ZARTEU

"Perfeito, foi como você descreveu o lance!!"

Entra o Paulista em campo, e o repórter Gilson Marim começa a entrevistar os jogadores. Com o primeiro, o diálogo foi rápido:

— Como é que é, fulano, pronto para mais esta?

— E' isso aí, né, Gilson, quem sabe a gente ganha hoje, né?

— Escuta, fulano, qual a sua idade?

— Minha idade?

Bom... eu já fiz dezoito anos...

— Olha, meu rapaz, dezoito anos eu já fiz também, mas já passei dos trinta, quero saber a sua idade agora...

A segunda entrevista foi mais longa:

— Escuta aqui, Dourado, por que você é chamado por esse nome? Será que é porque você gostava de pescar dourado quando era criança?

— Não, Gilson, é que...

— Já sei! E' porque você gostava de comer dourado, então...

— Não, Gilson, sabe o que acontece? E' que eu...

— Olha aí, meus amigos, mas que mistério danado a origem do apelido do rapaz. Mas vamos deixar esse negócio de apelido de lado. Qual é o seu nome completo?

— João Dourado.

Meio surpreendido com a resposta Gilson não se deu por vencido:

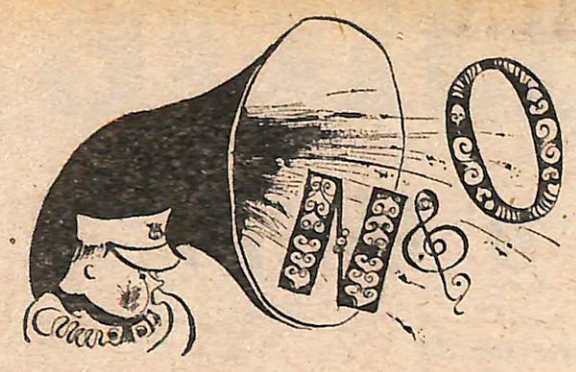
— Bom, Dourado não fica bem para um jogador. Pra mim você vai se chamar João Sardinha, de agora em diante. Senhores, acabamos de entrevistar o lateral João Sardinha!

Começa o jogo, por sinal muito violento (ia me esquecendo: foi contra a Ponte Preta), e logo um atleta da equipe visitante (Dicá) sofre uma falta. Enquanto é atendido pelo massagista, outro repórter de campo avisa o locutor:

— Alô, Ivã Junior, o negócio aqui parece que foi grave. Uma pancada violentíssima no calcanhar de Aquiles...

— Péra aí, Ronaldo, péra aí. Está havendo um engano. Na minha escalação não tem nenhum Aquiles...

A. Fernandes



ENQUANTO ISSO, EM IGUAÇU...

Por sugestão da cúpula partidária, o prefeito de Nova Iguaçu, Joaquim de Freitas, da Arena, renunciou ao cargo.

A decisão foi considerada a única forma de contornar o problema político criado na cidade, em vista das denúncias de corrupção, feitas contra o prefeito.

Repetindo: o prefeito de Nova Iguaçu renunciou ao cargo, por sugestão da Arena, para contornar uma situação política desagradável, criada pelas denúncias de corrupção contra o prefeito. Repetindo... ah, chega, vai. (E.M.)

COMPLEXO SOLAR

Depois de achar que um espigão ficaria bem no lugar do Solar do Barão, a Sociedade "Amigos de Jundiaí" já está cantando que foi por suas advertências que o Estado resolveu considerar a questão de restauração daquele prédio. Isso depois de o dirigente da entidade ter confessado dias antes que "não entendia muito sobre as leis que regulam os tombamentos históricos". Pra ver como são essas campanhas.

MUITO INTERESSANTE, MUITO

Promovido pelo Centro de Controle de Intoxicações da Prefeitura de São Paulo, realizar-se-á, ainda este mês, um encontro de médicos de vários países para debater o problema da gestante toxicômana.

Enquanto isso, na fila do INPS em todo o Brasil, as Severinas vão aguardando a vez de pegar seus papéisinhos, o Severininho dando pulinhos na barriga.

(E.M.)

SEM EDITAR SUA ÚLTIMA OBRA, MORREU TOYNBEE

Morreu, no dia 22, na Inglaterra, o historiador Arnold Toynbee, autor da antológica obra em 12 volumes "Estudo da História".

Toynbee tinha 86 anos e estava, há mais de ano, internado, vítima de derrame cerebral.

O historiador inglês era partidário do "nada de novo sob o sol", achando que os fatos históricos se repetem ciclicamente.

Outra tese sua é de que são as civilizações, e não as nações, as responsáveis pelo fato histórico: são elas que nascem, crescem e decaem. Para Toynbee existem cerca de 20 civilizações, das quais se originaram todas as demais.

A última obra de Arnold Toynbee, inédita, será lançada dentro de alguns meses, "A Humanidade e a Mãe Terra".

(E.M.)

NÚCLEO DOS ARQUITETOS EM RITMO DE TRABALHO

A diretoria do IAB — Núcleo de Jundiaí, sob a presidência do arquiteto Igar Fehr, tem-se reunido para tratar de muitos assuntos de interesse da classe. Colaborando com a diretoria, o arquiteto Henrique West de Camargo organizou uma sessão de filmes sobre a Arquitetura Brasileira, que foi bastante apreciado pelos associados que foram vê-lo na sede anexa a da Associação dos Engenheiros. Em reunião com o Departamento de São Paulo, o presidente Igar e o tesoureiro Roberto Franco Bueno conseguiram a definição de um sistema que permitirá ao Núcleo uma atuação mais ampla. Em breve o próprio Núcleo estará fazendo a arrecadação das anuidades dos arquitetos locais. Outra medida importante da diretoria é a comemoração, neste ano, do Dia do Urbanismo, que transcorrerá dia 8 de novembro.

(A. F. P.)

DROPS MISTO

Comprovado cientificamente : nove entre dez presentes de casamento são simples, mas dados de coração.

●

Pelo dedo se conhece o gigante, claro, mas que o tamanho também quebra um bom galho, não tem dúvida.

●

Está na cara: na prática, a teoria é prática.

●

Dize-me com quem andas e arranja uma caroninha pra mim.

●

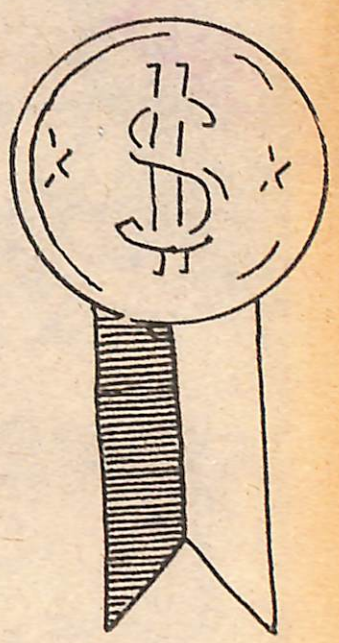
Ficou mais de duas horas dentro da relojoaria, fazendo hora.

●

Depois da tempestade vem a ambulância.

A. FERNANDES

CORRUPÇÃO E OUTRAS HISTÓRIAS



O semanário "Opinião" da semana passada transcreve os principais argumentos utilizados pelas multinacionais para conseguir a "boa vontade" de pessoas ligadas aos meios econômicos dos países onde pretendem "dar sua contribuição ao desenvolvimento".

Traz também trechos importantes da entrevista do ministro Simonsen na CPI das ditas multinacionais.

Traz outras coisas — todas no mesmo tom incrível de **latino-americanidad.**

É ler para crer.

(E. M.)

COSJUND

COZINHA JUNDIAIENSE LTDA

refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA - 408

FONES: 6 6392 & 6 2461

DOCEIRA JUNDIAÍ ltda

DISTRIBUIDORA DE:

doces

balas

chocolates

DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO DO PANETONE 900

RUA DR. TORRES NEVES, 292 ··· 6.7400

O TELEFONE DOCE DA CIDADE

SUPERMERCADO ELIAS

ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 :: FONE : 4-1775

ESTACIONAMENTO PROPRIO

O MELHOR PLANO NACIONAL.

60 MESES

A MAIS COMPLETA LINHA DE VEÍCULOS.

SEM ENTRADA, SEM JUROS E SEM RESERVA DE DOMINIO

CONSÓRCIO NACIONAL Ford

Ford Administração e Consórcios Ltda.
Certificado de Autorização da Secretaria da Receita Federal 10/116

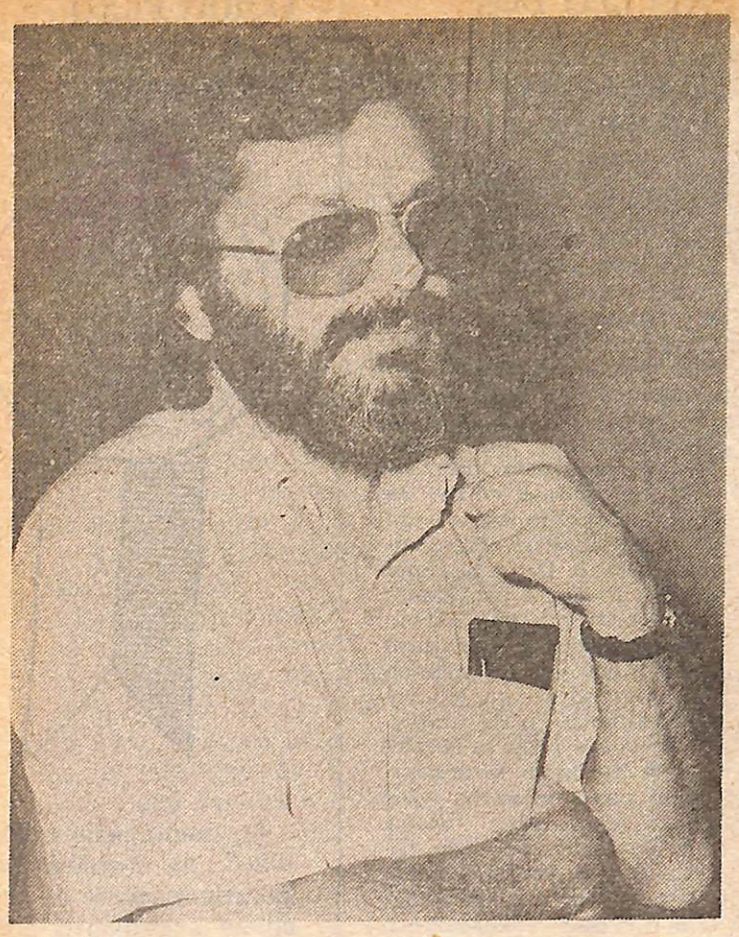
O ÚNICO COM GARANTIA DE FÁBRICA

A SUA GRANDE CHANCE ESTÁ NA

VESCAM S.A.
Indústria e Comércio

AVENIDA JUNDIAÍ 1465
TELEFONE: 4.0478

Como Cândido Malta viu nossa dica sobre o Metrô



Cândido Malta (ao lado), assessor de urbanismo da Prefeitura, confirma a possibilidade de termos em breve o nosso Metrô, nesta entrevista exclusiva ao J. 2.ª

Uma solução amadurecida

Em Jundiaí, chegou-se a pensar, um dia, na remoção dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, no trecho urbano, com vistas ao aproveitamento do leito dessa ferrovia para servir como via rodoviária expressa. Essa proposição, na época em que foi apresentada (1967-68), tinha suas razões fundamentadas na própria política de transportes do Estado, que era então no sentido de se extinguir os ramais ferroviários que registravam "deficit" e estimular-se a construção de novas rodovias.

Bastante estranha foi essa política de transportes seguida pelo Governo do Estado de São Paulo no final da década de 60, eis que, ao invés de pensar na racionalização e melhoria dos ramais ferroviários para sua recuperação econômica, simplesmente procurava eliminar o problema cortando-o, extinguindo esses ramais. Um exemplo próprio dessa atuação incorreta foi a supressão da antiga Estrada de Ferro Bragantina.

Corroborando a posição manifestada pelo urbanista Cândido Malta, em sua entrevista à **Folha de S. Paulo**, poder-se-ia acrescentar que a extinção da linha de bondes de Santo Amaro, medida tomada recentemente, já vem sendo profundamente lamentada por todos os setores técnicos dos governos do Estado e da própria Capital.

No caso de Jundiaí, é bom que se recorde, a extinção do ramal da Sorocabana não se deu por razões de ordem econômica, mas, sim, pela violenta erosão ocorrida em seu leito, provocada pelas chuvas no início de 1970.

Mais recentemente, por volta de 1972, os órgãos técnicos da Prefeitura chegaram a manifestar à Fepasa a intenção de ver restabelecido aquele ramal para o atendimento do Distrito Industrial e região, quer como meio de transporte de carga, quer para o transporte de população de trabalho. Isto beneficiaria trabalhadores da Vila Árens, Ponte São João, Vila Rio Branco, Ponte Campinas, Vila Lacerda, Vila Hortolândia, Retiro etc., que teriam grande facilidade de locomoção até as indústrias situadas junto à Via Anhanguera e estrada de Itu, servindo ainda aos moradores de Várzea Paulista, Campo Limpo Paulista e Itupeva.

A posição firme e clara do assessor de urbanismo do gabinete do prefeito, prof. Cândido Malta Campos Filho, parece consagrar a medida como necessária e irreversível, tirando do terreno da simples conjectura a implantação futura do metrô jndiaiense.

"E' nossa proposta estabelecer nesse eixo (o ramal que interliga Campo Limpo, Várzea Paulista, Jundiaí e Itupeva) um sistema de transporte de massa de grande capacidade. E o sistema de maior capacidade é o ferroviário, e o Metrô é o que atende a maior número de passageiros".

Cândido Malta Filho, urbanista que vem assessorando a administração de Jundiaí em assuntos de planejamento, fez essa importante declaração em entrevista concedida a a este jornal terça-feira última, na sede do Planidil, quando recolocou sua posição, revelada há um ano e meio atrás pelo jornal "Registro" e explorada na matéria principal do número passado do "Jornal de 2.a".

Inicialmente, segundo o nosso entrevistado, o ramal da extinta Estrada de Ferro Sorocabana deverá ser recuperado para a implantação de um "subúrbio melhorado", um "quase-metrô".

Quando se pensa em planejamento, deve-se pensar não em anos, mas em décadas; quando se pensa na estrutura urbana, deve-se pensar sempre em planos a longo prazo. As administrações que pensam com visão curta acabam por provocar mais problemas do que aqueles que pensam que estão solucionando.

Houve um tempo, em São Paulo, que a mania era construir viadutos; houve, por assim dizer, uma "febre de viadutos": em todo cruzamento congestionado se colocava um viaduto. Hoje se fazem vias estruturais e entre elas implanta-se um Metrô.

Esposando essa concepção bastante realista, Cândido Malta lembra que "mais importante do que a simples colocação de um Metrô é fazer com que a linha da Sorocabana, o vale do Rio Jundiaí, seja a espinha dorsal de Jundiaí, que a área mais adensada populacionalmente seja em torno desse eixo, que faz a ligação entre Jundiaí, Várzea, Campo Limpo e Itupeva". Com o que Jundiaí virá a ser um polo regional ainda mais importante do que o que já é.

Para ele, o crescimento da cidade ao longo do Rio Jundiaí já é irreversível. E, diante disto, é importante prever-se para esse eixo uma solução para o transporte de massa por ferrovia.

"Como cada vez se torna mais importante esse eixo, ao mesmo tempo que o problema do petróleo está forçando os governos federal, estaduais e municipais a encontrarem uma solução, para Jundiaí vejo como sumamente importante se estabelecer nesse eixo um sistema de grande capacidade", diz o urbanista.

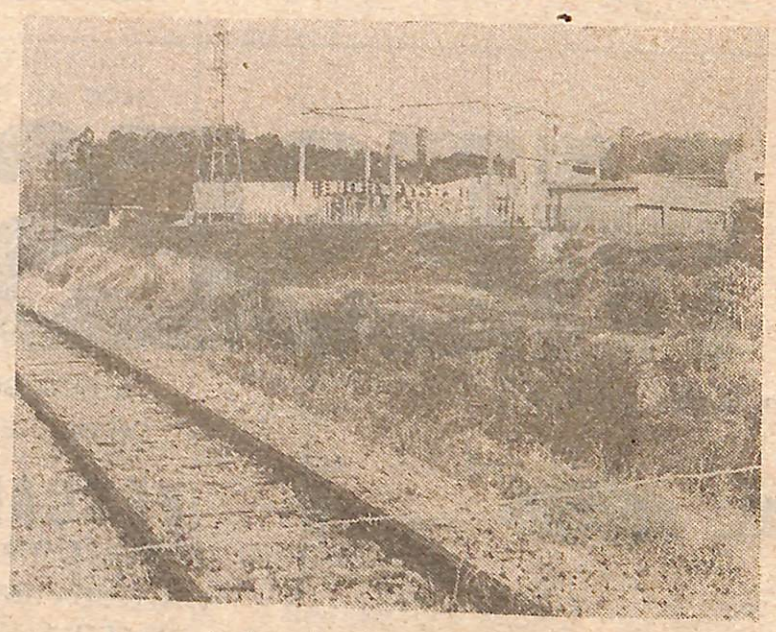
"Do consulado da Bélgica — continua — tenho recebido farto material sobre como lá e também na Holanda está-se enfrentando o problema do petróleo. Naqueles países estão se recuperando os bondes, não o velho bonde, mas um pré-Metrô, que virá preparar a implantação do Metrô propriamente dito. Esse pré-Metrô vai gerando cada vez mais transporte, viabilizando a implantação do Metrô, como aconteceu com o Metrô de São Paulo".

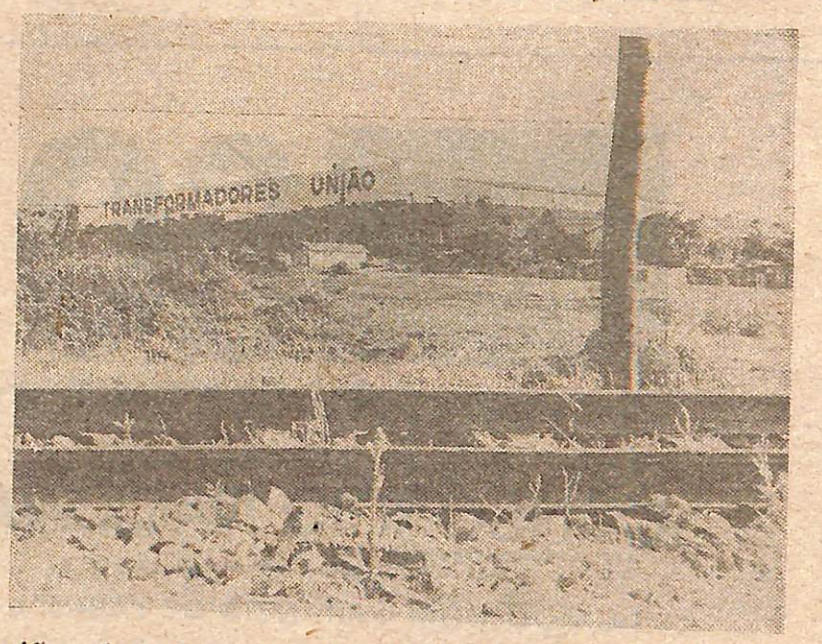
Cândido Malta acrescenta, ainda mais, que essa é "uma solução extremamente econômica, muito mais que o Metrô aéreo ou o Metrô subterrâneo".

A esse respeito, já no domingo anterior ele havia-se manifestado numa reportagem publicada pelo jornal "Folha de São Paulo", a propósito dos problemas urbanísticos da Capital, afirmando:

"Precisamos eliminar o uso do transporte individual e incentivar a utilização dos transportes coletivos. São Paulo tem uma estrutura básica e os eixos principais só podem ser atendidos pelo sistema férreo. Os ônibus teriam aí a função de alimentar os eixos principais. Esta é a solução para os congestionamentos. (...) Os trechos subterrâneos custam 50 milhões de dólares por quilômetro e os de superfície dez. O elevado custa 12 milhões de dólares. Com o dinheiro que se contrói um quilômetro subterrâneo poderíamos contruir cinco de superfície.

No caso de Jundiaí, para aproveitarmos essa vantagem que o ramal da Sorocabana nos oferece, Malta afirma que "primeiramente deveríamos passar por uma fase de pré-Metrô, cuja implantação poderá se iniciar dentro de 4 a 5 anos". Teríamos, então, uma primeira década para o Metrô propriamente dito. O que equivale dizer que em menos de 20 anos — antes, portanto, do ano 2.000 — Jundiaí já contará com o seu Metrô. Desde que não se abandonem os planos que diz estar-se empenhando em elaborar desde já.





Eletroquímica Paulista e Transformadores União, duas importantes indústrias das diversas que estão ao lado da antiga Sorocabana, cuja recuperação em muito beneficiaria o transporte dos milhares de operários que trabalham em nossa região.